



SÃO TIAGO, O PADROEIRO

A chegada de Julho tem significado especial na Terra do Café com Biscoito. Nesse mês, a cidade celebra o Padroeiro que

“Meu Pé de Ameixa”

“Outro mistério ainda causa certa perplexidade. Alguns pais dizem que os filhos são como os dedos da mão: saem todos do mesmo lugar, mas cada um do seu jeito. Tal qual a família de árvores de nossos pequenos pomares. O tratamento dado a todas é praticamente o mesmo. Recebem a mesma quantidade e qualidade de trato, cuidado e nutrição, com competência ou não. Recebem as mesmas levas de chuva e regas artificiais. Aproveitam o sol de forma equitativa. Mesmo com tudo isso elas se comportam de formas muito distintas”.

Pág. 13

inspirou seu nome, São Tiago – e traz à tona um clima que transita entre o festivo, o tradicional, o religioso e o de laços comunitários. Este último, aliás, tem também saudosismo, um sentimento presente nas entrelinhas do artigo assinado por Marcus Santiago nesta edição.

Pág. 6

Joaquim Vieira da Costa, o Zote

“Em 1955, se casou com D. Nilza Caputo. Sendo ela bastante habilidosa com algumas iguarias, os dois começaram a fabricar juntos, além dos pães de sal e doce, quitandas. Inicialmente eram feitas apenas por encomenda. Com o tempo, porém, surgiram festas de aniversário, casamentos, batizados, celebrações de padroeiro e até velórios, aumentando a demanda. Os insumos utilizados na fabricação dos produtos, tais como ovos, leite, queijo, manteiga e polvilho, eram comprados dos pequenos produtores rurais da região”.

Pág. 9

A Família Caputo

Em São Tiago é assim: quem não é Caputo, é parente de um. Se não é parente, conhece outro. O sobrenome, frequente nas Certidões de Nascimento locais, tem origem italiana. E é essa a jornada contada em matéria especial do nosso memorialístico. “A família proveio de três irmãos oriundos da Calábria que, meados do século XIX, decidiram migrar praticamente adolescentes, fugindo à prestação do Serviço Militar. Na época, a Itália estava envolta em guerras e graves problemas sociais, políticos e econômicos”

Pág. 11

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como “projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação”. O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

POSICIONAMENTO EXISTENCIAL

Como nos reger em nossa existência? Como nos situar, nos posicionar em meio às conflitações da existência? Questão primordial, pois desafios, mudanças nos aguardam a cada dia e somos, muitas vezes, incapazes de confrontá-los. Engendramos, muitos de nós, um perfil paralelo, por vezes desconhecido até de nós mesmos. Uma segunda ou múltipla personalidade, o avesso do exposto nas mídias, onde exibimos recortes, máscaras, desdobramentos, designers exuberantes de alta costura. Resta-nos a postura interna, fruto de histórias, memórias demarcadas a partir de nosso inconsciente milenar.

Há, obviamente, atitudes, preceitos, condutas, valores a serem observados, praticados. Compõem o processo civilizatório. São-nos transmitidos por pais, mestres, religiosos. Devemos ser o solo fértil, receptivo que acolha a mensagem do bom ensinamento e assim a semente do bem germine, frutifique, haja vida nova, vitalidade, crescimento. Seremos oráculos e receptáculos da fé. "A fé, tenha-a em ti mesmo, diante de Deus" (Rm 14,22).

Preocupações temporais, o fascínio da riqueza sufocam-nos a muitos. Quantos, por outro lado, se apegam a regras religiosas absolutistas, a ideologias obsoletas, tornando-se insensíveis, insubmissos à evolução dos tempos, aos mistérios da Divindade. Rigidez dogmática ante os claros processos de inovação, transmutação por que passa a humanidade. O próprio Senhor nos afirma: "Faço novas todas as coisas" (Ap 21,5) e ainda "para vinho novo, odres novos" (Lc 30-39).

Transparência, inclusão, autenticidade, responsabilidade, lealdade, credibilidade, humildade tornam-se princípios indispensáveis à nossa caminhada. "Seja fiel nas pequenas coisas, porque é nelas que mora a sua força" (Madre Teresa de Calcutá). Decisão, serviço, integridade, probidade são-nos requisitados a todo momento; somos guardiães, responsáveis, não só por nós, mas pelo próximo e pela comunidade. Somos os artífices de nossa história. Caminhamos para uma sociedade mais igualitária, sem distinções/discriminações de cor, etnia, etariedade; a convivência harmonizada, consciência socioambiental, maiores cuidados com educação, cultura, saúde física e mental, comportamento construtivo, inclusivo, representatividade dos setores historicamente vitimados pela desigualdade, discriminação.

A escolha comportamental, o posicionamento existencial são de nossa exclusiva responsabilidade. Cabe-nos optar por qual caminho vivencial seguir. Afinal, nos desafia o escritor Peter Drucker: "Há dois tipos de riscos. Aqueles que não podemos dar ao luxo de correr e aqueles que não podemos dar ao luxo de não correr".

Adivinhas/Charadas



- 1- A primeira e a segunda Deus dá, a terceira tem que comprar?
- 2- O que é que nasce enforcado e morre degolado?
- 3- O que é que está no mato esticado e vem para cá enrolado?
- 4- Por que o policial não usa sabões?

Respostas: 1- Dentígio; 2- Cacho de banana; 3- Cípo; 4- Porque ele prefere deter gente.

Provérbios e Adágios

- O silêncio é amigo que jamais trai
- Muitas opiniões afundam o barco
- Planta-se com chuva, colhe-se com orvalho
- A beleza que você vê nas coisas é um reflexo da beleza que há em você. (provérbio árabe)

Para refletir

- Para corromper o indivíduo basta ensiná-lo a chamar "direitos" seus deveres pessoais e "abusos" os direitos alheios. *(Nicolas Gomez Dávila)*
- O melhor governo é aquele em que há o menor número de homens inúteis. *(Voltaire)*
- Nossa ansiedade não elimina o amanhã de tristezas, mas somente elimina as forças de hoje. *(George Kaitholil)*

CORREÇÕES:

Em nosso boletim nº CCI – junho/2024

No texto "Infeliz credor" p. 14, no último parágrafo onde está escrito "recaindo a sucumbência sobre o devedor" leia-se "credor"

Texto "O Castigo" p. 16 é de autoria do nosso conterrâneo Paulo Palumbo extraído de sua Obra "Minha vida de caixeiro viajante".

Efemérides 2024

- 1524 – 500 anos do nascimento de Camões
- 1924 – 100 anos do manifesto surrealista
- 19.04.1824 – 200 anos de falecimento de Lord Byron
- 22.04.1824 – 200 anos de falecimento de Emanuel Kant
- 22.04.1924 – 100 anos de falecimento de Vicente de Carvalho
- 09.05.1924 – 200 anos da 9ª sinfonia de Beethoven e da 1ª sinfonia de Mendelsohn
- 28.10.1924 – Início da Coluna Prestes
- 24.12.1524 – 500 anos do falecimento de Vasco da Gama
- 1994 – 2024 – 30 anos de implantação do Plano Real

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

OS BONS COMPANHEIROS

Não existe em mim sequer um traço de presunção que incentive a me autoconsiderar mais que um simples escritor. Por outro lado, deixo claro e acentuo o fato de gostar imensamente de gatos, dos quais sou um admirador extremado. Depois desta introdução será apresentada uma coletânea de frases de escritores importantes e famosos com impressões e considerações sobre gatos. De uma forma ou de outra posso considerar que não estou só, e também me sentir feliz e honrado por estar em muito boa companhia.

• **Leonardo da Vinci**

“Mesmo o menor dos felinos é uma obra-prima da Natureza.”

• **Mark Twain**

“De todas as criaturas de Deus, há apenas uma que não pode ser escrava da coleira. Aquele é o gato. Se o homem pudesse ser cruzado com o gato, melhoraria o homem, mas deterioraria o gato.”

“Quando um homem ama gatos, sou seu amigo e camarada, sem maiores apresentações.”

• **Sigmund Freud**

“O tempo gasto com gatos nunca é desperdiçado.”

• **Júlio Verne**

“Eu acredito que os gatos são espíritos vindos à terra. Um gato, tenho certeza, poderia andar sobre uma nuvem sem passar por ela.”

• **Charles Dickens**

“Qual presente maior do que o amor de um gato?”

• **Robert A. Heinlein**

“A profundidade mais fria do Inferno é reservada para pessoas que abandonam gatinhos.”

• **Virginia Woolf**

“Velhinhas gentis nos garantem que os gatos costumam ser os melhores juizes de caráter. Um gato sempre irá na direção de um homem bom, dizem elas.”

• **José de Saramago**

“Como diria meu gato, todas as horas são boas para dormir.”

• **H. P. Lovecraft**

“O cão apela para emoções fáceis e baratas; o gato para as fontes mais profundas de imaginação e percepção cósmica na mente humana.”

• **Machado de Assis**

“O gato, que nunca leu Kant, é talvez um animal metafísico.”

• **Victor Hugo**

“Deus fez o gato para dar ao homem o prazer de acariciar o tigre.”

• **Aldus Huxley**

“Se você quer ser um escritor de romances psicológicos e escrever sobre seres humanos, a melhor coisa a fazer é ter um par de gatos.”

• **Charles Baudelaire**

“Como aquelas grandes esfinges que vagam pela eternidade em atitudes nobres sobre a areia do deserto, eles olham sem curiosidade para o nada, calmos e sábios.”

• **São Francisco de Assis**

“Um gato ronronando em seu colo cura mais do que qualquer droga no mundo, pois as vibrações que você recebe são de puro amor e contentamento.”

• **Italo Calvino**

“A cidade dos gatos e a cidade dos homens existem uma dentro da outra, mas não são a mesma cidade.”

• **Terry Pratchett**

“Nos tempos antigos, os gatos eram adorados como deuses; eles não se esqueceram disso.”

• **Edgar Allan Poe**

“Eu gostaria de poder escrever de forma tão misteriosa quanto um gato.”

• **Neil Gaiman**

“Gostaria de ver qualquer um, profeta, rei ou Deus, convencer mil gatos a fazerem a mesma coisa ao mesmo tempo.”

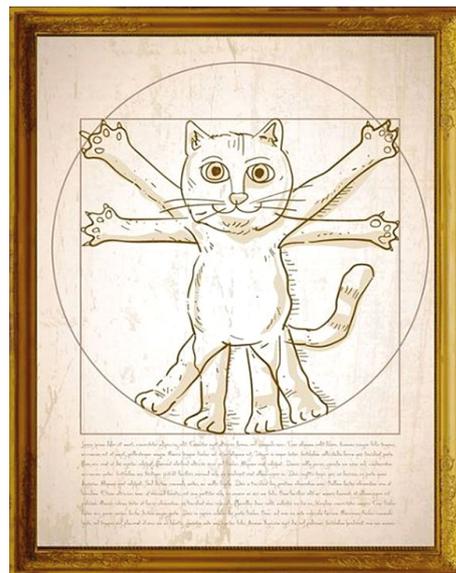
• **Erasmus Darwin**

“Respeitar o gato é o começo do senso estético.”

• **Stephen King**

“Um gato não vai bajular, mesmo que seja do seu interesse fazê-lo. Um gato não pode ser um hipócrita. Se mais pregadores fossem como gatos, este seria um país mais religioso.”

A imagem do Gato de Vitruvius e a coletânea de frases foram retiradas do site diariodonaturalista.com.br



USOS E ABUSOS

De onde virá a mentalidade – por parte de alguns – de que algo produzido na roça não tem valor, de que pode ser manuseado à bel vontade de terceiros?

Proprietários rurais comentam o serem “vítimas” de transeuntes, de comboeiros e mesmo pessoas conhecidas. Chegando ou passando à bordo de veículos, principalmente se em grupos, pela propriedade, se há uma mangueira cheia de frutas, o pomar com laranjas e mexericas, eis o “avanço”, o esbulho e em segundos, sacos são cheios, deixando o proprietário e família a ver navios. Fruteiras limpas, crianças da casa na saudade.

Falta de urbanidade ao que parece.

Certo produtor mencionava a presença, semanal, em seu sítio, de um morador da cidade, com a desculpa de pescar. O cidadão dava seu giro pelo rio próximo, a lagoa no fundo da propriedade, mas seu objetivo era o vistoso pomar cultivado, a duras penas, pelo sitiante e família. Em minutos, na cara de pau, seis ou sete sacos de laranjas, limões, tangerinas arrojados à boca, eram abarrotados. Ritual semanal.

As frutas – assim soube o sitiante – destinavam-se, na verdade, a uma lanchonete de propriedade do nosso “pescador”, pessoa que jamais levava uma bala para as crianças do sítio.

Na próxima ida ao sítio, tão logo desceu do carro o proprietário – ali às voltas com a ordenha e cuidado com o eito – informou ao recém-chegado:

– Suas laranjas estão ali, exibindo-lhe uma sacola com cerca de uma dúzia, são para seus netos...

O proprietário de uma vistosa lavoura de melancias percebeu que muitas frutas, por mais bonitas, estavam apodrecendo umas, desaparecendo outras.

Observando melhor constatou que alguém estava “testando” as melancias, verificando se estavam “no ponto” (maduras).

Para tanto, perfurava o fundo de cada fruto se verde ainda, retornava ao lugar. Lesionada acabava por apodrecer. Se madura, passava a ter dono, ou seja o “cara de pau”.

Resolveu, então, ficar de tocaia, de forma a descobrir o autor do prejuízo.

Num domingo à tarde, devidamente camuflado, pôde observar um cavaleiro – um morador em povoado próximo – adentrando a lavoura e “escolhendo” e “testando” as melancias, sendo pego em flagrante.

O folgado, mesmo pego com a boca na botija saiu-se com essa:

– Dia de domingo, a gente sai pra dar uma espairada. Põe uma sacaria na garupa do cavalo. Qualquer coisa que se acha não se perde a caminhada.

POR TRÁS DO BOLETIM

Marcus Antônio Santiago

Informação, Educação, Memória!

O currículo de Marcus Antônio Santiago, em letras miúdas, tem seis linhas na Plataforma Lattes. Mas é possível resumir-lo – se de fato essa for uma palavra correta – em algumas palavras-chave: Filósofo, Educador, Teólogo, Biblioteconomista e Jornalista. E é mesclando todas essas funções que, no Boletim Sabores & Saberes, ele se transforma também em *memorialista* por excelência. Santiago é, hoje, o jornalista responsável na publicação idealizada pelo Sicoob Credivertentes. Muito antes, porém, já despontava como colaborador recorrente em artigos sobre figuras emblemáticas, eventos marcantes, espaços memoráveis e causos que a oralidade popular manteve vivos.

Assim, além de registrar e preservar essas tradições, materializou versões diferentes de histórias transmitidas em família, entre amigos, de porta em porta, de conversa em conversa. “Tem algo de corriqueiro e investigativo, ao mesmo tempo, nisso. Porque mesmo que aborde alguém com o intuito de fazer algumas perguntas, percebo que essas interações se tornam na verdade bons dedos de prosa. É interessantíssimo”, diz.

De fato, o mesmo aconteceu nesta entrevista.

Sabores & Saberes – Você é autor de quatro livros reunindo e recontando causos transmitidos popularmente – algo que nosso memorialístico também o faz, à sua maneira. Há, então, um propósito comunitário, informativo e histórico nisso, não há?

MARCUS SANTIAGO – E tudo isso se encontra, também, com paixões pessoais e memórias afetivas – mas de uma forma que se multiplica. Cresci ouvindo essas narrativas em casa, na beiradinha do fogão. Depois, nos oito anos em que trabalhei em fábricas de biscoito, contei e ouvi muita coisa também. Era gostoso, distrativo, transformador. Aos poucos, percebi duas coisas interessantes: por um lado, havia o fato de que a oralidade mantinha sim as tradições vivas. Mas faltava a ela uma materialização para não se perder como “assunto dos mais velhos”. Quer dizer... Merecia chegar também a páginas, bibliotecas e salas de aula para fomentar mais conversas e, ainda, mais pesquisas. É um movimento que enaltece quem veio antes de nós e preserva o que ensinaram.

Sabores & Saberes – Senhor João Pinto (mentor e mantenedor do boletim) costuma dizer que “a agulha puxa a linha; a linha puxa a agulha”. Faz todo sentido nesse contexto também? O que já percebeu ao longo do seu trabalho?

MARCUS SANTIAGO – Que cada vez mais entendemos, como Sociedade, que essas histórias fazem parte da “História com H maiúsculo”. Elas dizem muito sobre o que fomos, no que acreditávamos, que realidade vivíamos e pelo que nos costumávamos nos guiar. Isso sem falar em materiais que faziam parte do cotidiano também.

Soube há um tempo de uma garotinha de 8 anos que leu um livro inteiro meu com causos de assombração. Aí ela foi perguntar ao pai como era uma “padiola” – que em dado momento transportava os mortos da área rural para a cidade. Ele então precisou sentar e desenhar pra ela. Quer dizer... Houve ali um momento em família, uma partilha de conhecimentos a partir de uma curiosidade aguçada. Também fica nítido que as crianças de hoje leem e ouvem essas narrativas com sen-



timentos diferentes da minha geração. Eu, na mesma idade, morria de medo. (risos). Mas é maravilhoso ter feedbacks assim e perceber comportamentos diferentes, ressignificações.

Sabores & Saberes – Sabemos que muito disso acaba pautando as próprias escolas e as atividades em sala de aula... É, digamos, um ciclo virtuoso para você enquanto jornalista, pesquisador e educador?

Marcus Santiago – Sim, sim! E para a própria Comunidade também. Nossos bisavós, avós e pais tinham um propósito ao compartilhar momentos e crenças conosco. Quer dizer... Queriam ensinar alguma lição, lembrar alguém, dividir fragmentos de outros tempos. Faremos o mesmo com quem vier depois de nós, inclusive. É assim que a memória se faz e é com essas bases que nos reinventamos, avançamos. Olhar para o que veio antes de nós tem algo de saudoso em alguns momentos; e totalmente didático em outros. Afinal, descobrimos caminhos por que a Sociedade não deve mais passar e espaços que precisam ser reconstruídos, melhorados. E acredite: isso vale tanto para o que ficou registrado oficialmente; quanto para o que antes queridos compartilham num dedo de prosa. A História é mágica – e todos fazemos parte dela.

Sabores & Saberes – Daí a importância de esforços como os realizados no boletim?

MARCUS SANTIAGO – Com toda certeza. O Sabores & Saberes leva para o papel o que estava se perdendo em documentos, livros antigos. Enquanto isso, abre espaço também para o que só a oralidade cuidava. Tudo isso é registrado, reinterpretado e recontado num informativo gratuito que, também, é acessível digitalmente, no site do Sicoob Credivertentes. Isso significa que está ali disponível para quem gosta de ler tomando um café e para a garotada que acessa tudo via celular. Então seja matando as saudades de algo que já aconteceu, seja pedindo recortes na escola, tudo se renova, se mantém e se multiplica também. Até porque tenho notícias de leitores no Sul de Minas, em São Paulo... Sinto orgulho em colaborar, em poder levar meu propósito pra essas páginas.

ECOS – PALAVRAS DO PASSADO

Se o idioma oficial escrito não é estático e livre de mudanças, muito menos sua versão falada. Os nossos antigos criaram ou difundiram novas palavras. Inventaram novos significados para termos e verbetes que já existiam. Deturpam a gramática e a ortografia quando necessário. As gerações subsequentes deixaram para trás, em esquecimento, muito do que foi criado quando não mais útil. O som da palavra, quando falada, é uma onda que se propaga pelo ar e tem vida curta, efêmera como as rosas de poetas românticos. Ainda é possível rastrear um ou outro brilho desses flashes de outros tempos, com uma visão sensível, um ouvido apurado e uma predisposição com boa vontade. Vale a pena.

Modo

Modo é um substantivo masculino que significa maneira de ser ou de se comportar, o jeito de se fazer e também uma forma de se expressar. Pessoas mais antigas ainda o usam para se referir à comida, gêneros alimentícios exclusivamente, assim como a mãe de família preocupada falava quando a despensa estava vazia: “Vou sair para arrumar (comprar) **modo**”.

GARRAR

Garrar é um verbo que até existe, encontrado em atividades náuticas e marinhas, mas completamente alheio à maneira como nossos antigos o utilizava. Parece uma mistura estranha entre garra, a unha comprida, e o vergo agarrar. Minhas avós Nuna e Geralda poderiam muito bem dizer: “Então eu **garrei**, trabalhei o dia inteiro e limpei a casa”. Aqui ele assume o sentido de fazer algo com um animo extremado. Existem variações como “**garrei** em tristeza” e “**garrei** naquele emprego” para indicar ficar preso a certas situações.

INGRISIA E INGRIZAR

Ingrisia e **ingrizar** são palavras que parecem ser irmãs esquisitas, merecendo tratamento conjunto. **Ingrisia**, cuja versão mais formal é **ingresia**, significa confusão, coisa complicada. **Ingrizar** pode ser um verbo inventado, talvez derivado de **ge(i)rizar** e **ojeriza**, significa irritar, fazer raiva e provocar desconforto. Fazendo compras no Armazém Santo Antônio do Sr. Josimar presenciei uma mãe brava com o filhinho insistente: “Ô meu Deus do céu, menino, você esta me **ingrizando**”.

EXECUTAR

Este é um caso interessante de extensão ou criação de uma nova utilização para algo já estabelecido. A palavra **executar** já possui por origem inúmeros significados. Pode ser: a) fazer, realizar; b) obrigar um contribuinte a pagar; c) penhorar algum bem ou propriedade; d) aplicar a pena de morte; e) assassinar; f) tocar ou cantar uma peça musical; g) processar comandos de um programa de informática. Não bastasse tudo isso a criatividade do nosso povo ainda inventa mais uma, no sentido de chamar à atenção, reprender, como em “O pai **executou** o filho quando este começou a se comportar mal fazendo coisas erradas”.

SUJIGAR

A primeira vista é fácil considerar que **sujigar** é uma capitulação frente à palavra subjugar, que apresenta uma óbvia dificuldade fonética e ortográfica. Ela seria uma simplificação errada, porém vantajosa. Entretanto, surpresa, esta é uma forma verbal válida, pertencente à versão arcaica do idioma, mantendo o

significado de dominar, prender a força como em “A polícia foi obrigada a **sujigar** o fugitivo violento”.

PEGAR A BOIA

É claro que esta boia não se refere ao elemento flutuante utilizado em salvamentos, brincadeiras em água e trabalhos marítimos. O caso merece uma recordação com algum humor. Quando criança, bem novo, eu era companheiro de brincadeiras do Haldane filho do Sr. Glauro. Fui com ele até a casa de seu avô, Sr. João Reis, quase a hora do almoço. A queima roupa ele me fulminou com a pergunta: “Você já **pegou a boia** hoje?”. Um menino de capital, sem os conhecimentos da vida do interior, sendo arguido por um senhor austero, enorme diante minha perspectiva de visão e sem ter a mínima noção do que significava a pergunta (você já almoçou) só pode ter recebido uma carga de perplexidade que o fez nunca mais esquecer o ocorrido.

FERRAR LOITA

Ferrar loita é um caso notável, é espetacular, merecendo um prêmio especial pela participação. Aparentemente se referia a atividades infantis de simulação de combate como em “Os meninos estavam **ferrando loita** no gramado perto da árvore de cedro”. Se dois adultos estivessem se enfrentando eles certamente estariam brigando e nunca **ferrando loita**! O mesmo menino que **ferrava loita**, quando aluno na escola diria que na guerra tais exércitos se enfrentaram. Tudo certinho. **Ferrar loita** tinha vida própria.

JANTARADO

Na casa de minha sogra, Dona Mariinha do Jandir, quando as crianças ainda eram pequenas, havia um costume de domingo: o **jantarado**. É lógico que não era exclusividade daquele lar, sendo, entretanto, o caminho que me levou a este conhecimento. O **jantarado** é uma refeição que acontece mais tarde que o almoço e mais cedo que a janta propriamente dita. Podia ser até um pouco mais requintado, mas não obrigatoriamente. Podia significar também, por ser domingo um dia especial, uma inconsciente rebeldia contra o cotidiano de mesmice experimentado durante toda a semana. Mesmo sendo costume o aviso nunca era dispensado: “Hoje é **jantarado**”.

PREGUIÇA DE FULANO OU PREGUIÇA DE TAL COISA

Preguiça é uma coisa que se sente em relação a certas atividades: preguiça de estudar, de trabalhar, de levantar cedo e etc. Quando a pessoa não quer fazer nada mesmo na vida ela tem só preguiça e pronto. Uma grande invenção ocorreu quando alguém teve a ideia de associar preguiça a uma pessoa, um lugar ou uma circunstância, como em “Eu tenho **preguiça de fulano**; ele é muito chato e mentiroso”. Este costume de fala não é exclusividade de São Tiago, sendo bem difundido nos interiores do país e provavelmente também não é uma reminiscência da oralidade informal, mas é tão criativo e representativo da sabedoria precisa de nosso povo que merece estar nesta lista.

É uma sensação muito boa, gostosa mesmo, quando umas dessas palavras antigas pegam a gente desprevenida, causando surpresa, espanto e humor. São ecos de palavras em ondas sonoras do passado reverberando no presente, enquanto ainda é possível.

Fabio Antônio Caputo

SÃO TIAGO: 75 ANOS (1949-2024)





Festa do padroeiro São Tiago Maior no final da década de 1990

O mês de julho tem um significado especial no calendário do município de São Tiago, devido à celebração do padroeiro, Senhor São Tiago Maior, pela maioria da população católica, e também pelas comemorações do aniversário da cidade. A festa é marcada por um forte componente religioso, com a celebração da novena que reúne a comunidade. Na parte social, há shows de bandas seculares no palco ao lado da igreja. Em tempos passados, na Praça da Matriz, havia barraquinhas onde eram vendidas roupas, vasilhames, ferramentas, sapatos, brinquedos e guloseimas que só se encontravam durante a festa, como maçã do amor, algodão doce, cocada, entre outras. Posteriormente, essas barraquinhas foram transferidas para o Bairro Cerrado, na Praça São Vicente de Paulo. Sendo um mês de férias, à medida que a festa se aproximava, a cidade adquiria um clima diferente. Com a chegada de são-tiaguenses que residem fora, familiares, amigos e visitantes, o mês ficava ainda melhor.

A dimensão religiosa da festa é a parte fundamental do catolicismo local, envolvendo um novenário que aborda temas importantes para a reflexão da comunidade. A paróquia convida padres para participar e celebrar. A organização litúrgica é especial, envolvendo todos os grupos e pastorais durante os nove dias de celebração até o dia principal da festa.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, a festa religiosa passou por mudanças notáveis. Após a queda do telhado da igreja devido a um forte vendaval em meados de 1997, o pároco da época, Pe. Lúcio Carlos Vieira, teve que reinventar os espaços celebrativos para descentralizar festas e sacramentos que eram celebrados unicamente na Igreja Matriz. Batizados aconteciam na Capela São Sebastião, enquanto os casamentos poderiam ser celebrados tanto na Capela do Rosário quanto na de São Sebastião. Sendo o pároco um jovem sacerdote cheio de ânimo, dinamizou as celebrações durante o tempo de restauração da Matriz.

Junto ao Conselho Paroquial de Pastoral, Pe. Lúcio criou nove setores, onde as celebrações da novena ocorriam ao ar livre, em ruas previamente demarcadas. Cada dia era liderado por um padre diferente, e a atmosfera festiva unia a todos. Dava gosto ver as pessoas dos bairros se juntando para preparar as ruas, decorando-as com balões e enfeitando a carroceria de um caminhão para criar um altar improvisado. Havia barraca de alimentação e mesa de leilões, e a animação era por conta dos músicos locais participando ou com som mecânico embalando o forró. Em 25 de julho de 1997, a missa foi campal, realizada em frente à Matriz.

A experiência foi tão positiva que, no ano seguinte, realizou-se a "pré-novena" nos setores. Dessa vez, o pároco presidiu sozinho as celebrações. No entanto, durante os dias do novenário, houve a presença de padres

convidados, enriquecendo ainda mais a festa religiosa.

Antes do início da novena, a igreja era lavada por vários leigos. Voluntários entregavam os programas da festa nas ruas e comércios. O templo estava impecável, bem ornamentado e bonito. As ações da liturgia eram organizadas conjuntamente e a cada dia um grupo era responsável, inclusive os corais. No dia principal, a imagem descida do altar era colocada num andor bem enfeitado.

Equipes dos grupos de jovens, como a Juventude Eucarística São-Tiaguense (JES), Construtores da Paz, Grupo de Adolescentes de São Tiago (GAST) e Pré-Adolescentes Seguindo a Cristo (PASC), se reuniam para colar em palitos de bambu as bandeirinhas com a estampa do Senhor São Tiago, feitas para a recepção da imagem do padroeiro na porta da Matriz.

À noite, após a missa festiva, uma longa procissão seguia pelas ruas, iluminada por velas e embalada pelos acordes da Lira da Imaculada Conceição, alternando com a reza do rosário. Na chegada, em frente à Matriz, cada fiel recebia uma bandeirinha. O momento era marcado por orações, uma pequena pregação e o entoar do Hino a São Tiago. Os foguetes iluminavam o céu e os "vivas" ecoavam, refletindo a vibração e fé vindas do coração e da alma dos devotos, visitantes e amigos dos são-tiaguenses.

Ao lado do palco, uma cascata de fogos desnudava a estampa do padroeiro, finalizando aquele momento externo. Ao entrar na igreja com a imagem, as bandeirinhas balançavam, criando um ambiente festivo, seguido do beijo na fita da imagem e a imposição do chapéu do Senhor São Tiago.

No dia 26 de julho, pela manhã, às 9h, há uma missa em ação de graças pela emancipação política e administrativa do município de São Tiago. À noite, ocorre missa festiva e a procissão em honra à co-padroeira, Senhora Sant'Ana.

A Festa de Julho de 1998 ficou na história! Foram momentos indescritíveis, envoltos em uma atmosfera de fé e gratidão.

Em 1999, uma tradicional barraca de vendas de caldos, churrasco, refrigerante, cachorro-quente, canjica, bico de bala e outros alimentos foi inaugurada ao lado da Matriz, adicionando um aspecto cultural à festa, anteriormente visto somente na trezena de Santo Antônio, no Cerrado.

A partir do ano 2000, novos elementos foram incorporados à novena, como crianças vestindo roupas semelhantes às do padroeiro, teatro, apresentações feitas pelo grupo de jovens e a bênção do Santíssimo Sacramento. Ano após ano, sempre há algo diferente, tornando a liturgia ainda mais significativa e criando uma festa memorável para celebrar o padroeiro.

Viva São Tiago!

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



SÃO TIAGO MAIOR 25 DE JULHO

São Tiago Maior, também conhecido como São Tiago, o Apóstolo ou Santiago, foi um dos doze discípulos mais próximos de Jesus Cristo e desempenhou um papel significativo no início do cristianismo. Sua vida e legado são celebrados tanto pelos cristãos católicos quanto pelos cristãos ortodoxos, sendo venerado como um santo importante.

De acordo com os Evangelhos, Tiago e seu irmão João, chamados pelos apelidos de “filhos do trovão”, foram pescadores na região do Mar da Galileia quando Jesus os convocou para

seguir-lo. Eles deixaram suas redes e prontamente tornaram-se discípulos de Jesus. Ao longo do ministério de Jesus, São Tiago acompanhou-o em diversos momentos cruciais, como a transfiguração de Cristo e a agonia no Getsêmani.

Contudo, foi após a ascensão de Jesus aos céus que São Tiago desempenhou um papel crucial na propagação do cristianismo. Ele é frequentemente associado ao trabalho missionário na Espanha, onde se tornou um evangelizador notável. Embora não haja consenso absoluto sobre seus movimentos após a morte de Cristo, a tradição afirma que Tiago teria evangelizado e pregado o cristianismo para os povos ibéricos.

São Tiago foi também um dos primeiros apóstolos a enfrentar o martírio por causa de sua fé. De acordo com relatos históricos, ele foi executado por volta do ano 44 d.C., sob ordens de Herodes Agripa I. Sua morte tornou-se um símbolo poderoso de devoção e resistência cristã, inspirando muitos fiéis a seguirem o caminho da fé, mesmo diante de perseguições e adversidades.

O culto a São Tiago Maior prosperou ao longo dos séculos, e ele se tornou um dos santos padroeiros mais reverenciados em muitos lugares, incluindo a Espanha, onde sua figura está profundamente enraizada na cultura e na história. Sua imagem é frequentemente associada à imagem de um peregrino, devido ao Caminho de Santiago, uma rota de peregrinação famosa que se estende por toda a Europa, terminando na cidade espanhola de Santiago de Compostela, onde supostamente estão suas relíquias.

Assim, São Tiago Maior permanece como um exemplo de fé, coragem e dedicação ao evangelho de Jesus Cristo, sendo lembrado e honrado por milhões de fiéis em todo o mundo. Sua figura continua a inspirar peregrinos e cristãos a buscarem a jornada espiritual e a seguirem os ensinamentos de amor, compaixão e serviço ao próximo.

São Tiago Maior, rogai por nós!

SOCIEDADE DOS SACERDOTES DE SÃO TIAGO

A Sociedade dos Sacerdotes de São Tiago (em latim *Societas Presbyterorum Sancti Iacobi*, em francês *Société des Prêtres de Saint-Jacques*) é um Instituto missionário clerical de vida apostólica de direito pontifício de origem francesa. Seus membros são chamados de Missionários de São Tiago.

HISTÓRIA

Iniciada em 1864 do pensamento e do voto explícito do papa Pio IX, a Sociedade dos Sacerdotes de São Tiago foi fundada para evangelizar e organizar a Igreja no Haiti] depois da independência proclamada em 1804. Os Sacerdotes de São Tiago têm como missão específica na pastoral diocesana o encontro com diferentes culturas através do carisma missionário inerente de seus membros. Os Sacerdotes são inseridos de forma estável numa Igreja diocesana, sob a dependência do bispo diocesano e dos superiores da Sociedade exercem o ministério pastoral e são membros do Presbitério. Atuam atualmente em quatro países: França, Brasil, Bélgica e Haiti.

Em Port-au-Prince, a comunidade de missionários, constituída por 15 missionários e cerca de duas dezenas de seminaristas, gerem duas escolas. A escola principal tem cerca de 1800 alunos.

ATUAÇÃO

Os Padres de São Tiago estão presentes em 4 países: França, Brasil, Haiti e Bélgica.

IMAGENS DE SÃO TIAGO



7-07-25 – São Tiago o maior – Peter Paul Rubens



El Greco



Batalha de Clavijo



Metropolitan museu

Joaquim Vieira da Costa (Zote)

Joaquim Vieira da Costa, apelidado de Zote, nasceu em 4 de fevereiro de 1932. Filho de João da Costa Sobrinho e Armin-da Clara de Jesus, casou-se em São Tiago no dia 30 de abril de 1955 e teve três filhos: Luiz Carlos Vieira, José Omar Vieira e Maria da Conceição Vieira.

Nasceu e foi criado no município de São Tiago, na zona rural, em um lugar denominado Paraíso, em uma família de dez irmãos. Frequentou a escola rural por apenas três meses. Desde criança, trabalhou junto com seus irmãos e seu pai em todas as tarefas da roça. Sua atividade preferida era carrear, na qual transportou, no carro de bois, muita lenha, polvilho, porcos para serem vendidos na cidade, além de madeira e tijolos para a construção do hospital local. Ainda jovem, com mais ou menos 19 a 20 anos, após o falecimento de seu pai, Joaquim, juntamente com seus irmãos, decidiu mudar para a cidade. Surgiu, então, o grande desejo de montar seu próprio negócio, que seria uma padaria, por volta dos anos de 1952 a 1954.

Aprendeu a fabricar pães com os saudosos senhores Rafael Caputo e Vicente Ribeiro. Sua padaria, que se chamava Padaria Santa Cruz, foi instalada onde hoje é a praça de esportes. No entanto, o objetivo da municipalidade era construir uma escola neste local na época, a padaria foi desapropriada, mudou-se para um local bem próximo, na Praça Dom Pedro II, onde a padaria funcionou até o encerramento de suas atividades. Mas a escola não foi construída.

Naquela época, os pães eram comercializados na porta do estabelecimento e entregues em pequenas porções no comércio local. Uma vez por semana, entregava pães na zona rural da Prata, por meio dos caminhões de leite, seguiam embalados em latas de carbureto.

Foi em 1955, com seu casamento com D. Nilza Caputo, que, sendo bastante habilidosa com algumas iguarias, começaram a fabricar juntos, além dos pães de sal e doce, também quitandas. Inicialmente feitas apenas por encomenda, mas, com o tempo, surgiam festas de aniversário, casamentos, batizados, celebrações de padroeiro e até velórios, aumentando a demanda.

Os insumos utilizados na fabricação dos produtos, tais como ovos, leite, queijo, manteiga e polvilho, eram comprados dos pequenos produtores rurais da região. Já os produtos industrializados, como farinha e fermento, vinham do Rio de Janeiro no caminhão do Sr. Vicente Mendes.

Com o passar do tempo, começaram a fazer um pequeno estoque de quitandas. O carro-chefe das iguarias eram os famosos biscoitos de polvilho, "a torradinha", e a broinha de queijo.

Naquela época, não existiam essas embalagens de hoje; tudo era armazenado em latas. Os fregueses traziam suas latas, e a transferência dos recipientes era feita no local. Assim, a freguesia foi só aumentando. Aos poucos, começaram a embalar os biscoitos em sacos plásticos. Com o desenvolvi-



mento das atividades, pessoas de outras cidades e até mesmo da capital mineira passaram a procurar pela padaria do Zote, aumentando ainda mais a fama dos biscoitos de São Tiago.

Em escala maior de vendas, lembramo-nos do Sr. Nelson, motorista da Viação São Cristóvão, que, através do "Bazar do Ponto", o bar do Tião Coité na parada dos ônibus onde se vendiam as famosas e legítimas broas de queijo, levava todos os dias para a cidade de Divinópolis de 150 a 300 broas, isso por vários anos. O Sr. Cláudio Romano, da cidade de Oliveira, todas as semanas levava uma Brasília cheia de torradinhas. Com o negócio crescendo, mudou-se para uma caminhonete Toyota. Quando, por alguma eventualidade, ele não podia vir buscar os biscoitos, eram levados para ele no caminhão de leite do Sr. Enir Avelar, e assim foi por muitos anos. O Sr. Ari, de São João del-Rei, também todas as semanas levava uma Brasília cheia de torradinhas. Com a freguesia crescendo, passou a vir duas vezes na semana e mudou para uma Kombi. Aproveitava e trazia frango abatido para vender e voltava carregado de biscoitos. Assim foram surgindo outros clientes, inclusive um dos seus irmãos, o ex-servidor municipal, Blair Vieira da Costa, que vendia biscoitos na região.

Em 1988 o primeiro caminhão carregado de biscoitos de São Tiago saiu rumo a São Paulo com os já conhecidos "Biscoitos do Zote".

A trajetória da Família Vieira foi marcada por muitas lutas, mas também por muito amor, dedicação e companheirismo em um trabalho que começava todos os dias na madrugada e só terminava à noite, realizado exclusivamente pelo casal Zote e Nilza.

Com o passar do tempo, surgiram outros empreendedores e fábricas de biscoitos, diversificando e impulsionando a economia até tornarmos conhecidos como a "Terra do Café com Biscoito".

Joaquim Vieira da Costa foi um dos pioneiros na fabricação dos famosos biscoitos de São Tiago, portanto, ele faz parte da história. Faleceu em 06/04/2021, e seu legado como empreendedor foi fundamental para o progresso e expansão da economia local.

Maria da Conceição Vieira

São Tiago - 75 anos (1949-2024)

Antigas Pensões de São Tiago

Uma das pensões (hospedarias) mais antigas e famosas de São Tiago – final do século XIX e inícios do século XX – foi a do Sr. Sabino Ferreira de Resende (1868–1939) na Praça da Matriz que acolhia tropeiros, viajante em trânsito. Auxiliado pela esposa D. Maria Madalena Santiago (Siá Cotinha), mantendo ainda biscuitaria com grande produção de quitandas.

Com o crescimento da cidade, em relação ao comércio, na década de 1940/1950 surgiram outras famosas pensões. Segundo o minidicionário Aurélio, “pensão é um pequeno hotel de caráter familiar”, e foi justamente esse caráter familiar que tornou as pensões conhecidas, procuradas e admiradas pelos visitantes que passavam pela cidade, seja a passeio ou trabalho.

A pensão Caputo, por sua vez, estava situada no casarão do Luiz Caputo, um morador da cidade com uma grande barba. Recebia os visitantes para pernoites na pensão que situava na esquina da Avenida Coronel Benjamin Guimarães, hoje onde funciona uma farmácia. Posteriormente, a pensão passou para o Sr. Tônico Caputo e D. Cecília Mendes, que a inauguraram como Pensão Santa Terezinha. Continuava uma pensão ampla, com muitos quartos, uma extensa copa-cozinha farta e um atendimento familiar diferenciado, já que a família morava lá também. O movimento era grande com a chegada dos ônibus em seus horários fixos, as refeições e pratos feitos eram servidos com capricho e precisão.

Durante a semana, passavam por lá vendedores, representantes comerciais, viajantes diversos e famílias em carros de passeio. Nos finais de semana, recebiam embaixadas de futebol para o café e banheiro. Lembro-me do Athletic Club de São João del-Rei, com um ônibus lotado de jogadores e torcedores. Nas épocas de festas, como Semana Santa e Festa de Julho, todos os quartos ficavam lotados, sendo necessário improvisar camas na sala de visita e na copa. Com o tempo, foi criado um biombo com Eucatex para abrigar quatro camas de solteiro, atendendo ao fluxo de pessoas.

A cozinheira era Celina, excelente com temperos raros, e preparava refeições com muita rapidez. Os legumes eram diferentes, e as carnes, diversas, vinham de Belo Horizonte no caminhão do Sr. Vicente Mendes, irmão de Cecília. Lembro-me das frutas, fresquinhas e variadas, e das famosas maçãs vermelhas, enroladas em um papel tipo seda roxo, uma novidade para a época. Na pensão também moravam pessoas que vinham trabalhar na cidade, como Dr. Armando, funcionários da ACAR, da CEMIG, entre outros.

O tempo passava e a movimentação dos hóspedes era muito divertida. Como o ponto era nobre, havia movimento constante, com pessoas entrando e saindo para a igreja, cinema, andar na praça, ir aos bares, etc. A porta ficava sempre aberta, e o Sr. Tônico ficava de plantão, fechando oficialmente as portas e janelas apenas depois das 23 horas. Os hóspedes admiravam o movimento da avenida com casais andando de um lado para o outro, ao som de músicas altas e amorosas do cinema ao lado. A Sra. Aida, do João Aleluia, foi colaboradora da Pensão Santa Terezinha por muitos anos, sendo de extrema confiança de sua proprietária, D. Cecília Mendes.

Mais adiante, tínhamos a Pensão Campos, pertencente ao Sr. Corinto e sua filha Rolima, uma excelente costureira e es-



Antiga Pensão Caputo

tilista, que juntos trabalhavam no atendimento. Esta pensão era muito aconchegante e, nos moldes da outra, recebia também viajantes e caminhoneiros para pernoite, oferecendo refeições com muito carinho e hospitalidade.

Na Praça Gabriel Passos, onde hoje é o prédio do Avelino, havia a Pensão da Guita. Esta era diferente, funcionando como um pensionato, uma casa que recebia hóspedes e fornecia refeições. A diferença é que os hóspedes ficavam lá por meses ou anos, geralmente adolescentes, jovens que vinham estudar. Lembro-me dos jovens de Capelinha e comunidades rurais morando lá. Era uma casa mais antiga, com quartos cujas janelas davam para a calçada, onde ficávamos conversando em um clima de descontração e amizade. O atendimento era 100% familiar, e só me lembro de hóspedes do sexo masculino. Havia também algumas casas de família que recebiam estudantes da zona rural.

Depois, surgiu o Pensionato da Imaculada Conceição, para acolher moças e professoras. Eram estudantes de Passa Tempo, Conceição da Barra, Carmópolis, Morro do Ferro e outras cidades vizinhas. Os pais ficavam tranquilos ao entregar os cuidados das moças a D. Zélia Reis, com a supervisão do Monsenhor Eloi. Lá, as moças eram cuidadas e direcionadas para uma vida de igreja, estudos e disciplina. Tudo era muito limpo e



Av. Cel Benjamin Guimarães

cuidado, com refeições nutritivas. Um ambiente diferenciado.

Outras pensões importantes que São Tiago teve a de D. Zeca, esposa do Sr. Rafael Caputo e da Sra. Inacita Silva que mantinha pensão feminina para jovens estudantes, professoras etc.

Assim, nossa cidade foi crescendo, novos desafios surgindo, e hoje contamos com três ótimos espaços de hospedagem para turistas: Hotel Lara, Hotel Minas Gerais, Pousada Estância Tertúlia, Fazenda e Pousada Serrinha (Zona Rural). Venham para São Tiago! Hospedagens modernas, nos moldes antigos, com muita hospitalidade, conforto e clima familiar.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

FAMÍLIA CAPUTO

REGIÕES VERTENTES / ZONA DA MATA

Os imigrantes italianos de nossa região procediam de várias partes da Itália (em sua 1ª fase, oriundos mais da região sul). Eram alfaiates, ferreiros, comerciantes, artesãos, caldeireiros, marceneiros, lavradores, vindos muitos deles sozinhos e só posteriormente vinham os familiares. Muitos eram jovens, solteiros, consorciando-se com mulheres brasileiras, formando sólidas e numerosas famílias. Os Caputo, nucleados em São Tiago, disseminaram-se, por toda a região Vertentes e Zona da Mata mineira (Ubá, Guidoval, Piraúba, Juiz de Fora etc.). Um deles, Francisco Queirós Caputo ocupou o cargo de presidente do Esporte Clube de Juiz de Fora.

O hábito italiano de se agregar o sobrenome, a partir de alcunhas relativas à cor da pele, do cabelo, a profissão ou aldeia de origem. O sobrenome italiano Caputo deriva de “capo” (cabeça), provavelmente um apelido ligado às características físicas, intelectuais ou comportamentais de algum antepassado, algo comum na Idade Média. Caputo poderia se referir, pois, a alguém com a cabeça grande ou de comportamento teimoso (“cabeçudo”) ou ainda inteligente (“cabeça boa”). Dai ainda os derivados “capobianco” (cabeça branca), “caporosso” (cabeça vermelha). Com a estruturação, a partir da Idade Média, de sobrenomes, muitos apelidos adquiriram conceito onomástico e de fixação do clã familiar⁽¹⁾. Alguns Caputos são mencionados pela história: Conrado Caputo, natural de Nápoles, príncipe de Antioquia e da casa de Hohenstaffen e neto do imperador Frederico II; Gualtiero Caputo, prefeito de Nápoles no reinado de Carlos I D'Angio; Consalvo Caputo, bispo de São Marcos.

NOTA

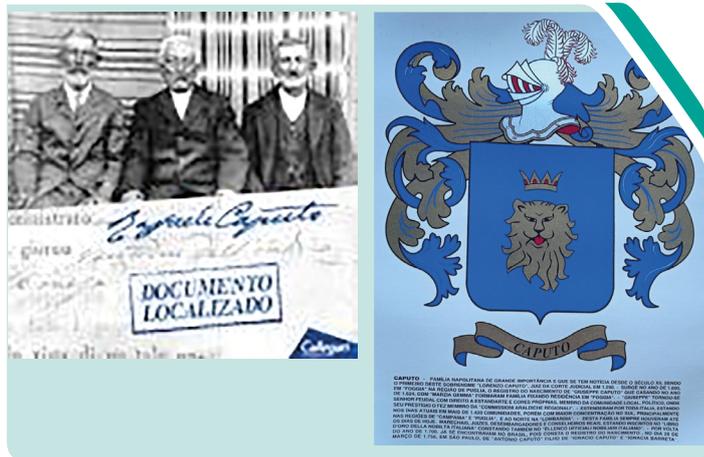
1. A tipologia dos sobrenomes italianos é representada por uma série diversificada de: antropônimos, patronímicos e matronímicos (ligados geralmente às origens de filiação paterna, materna – Ex. . De Luca “filho de Luca”, “luminoso” ou mesmo “aquele que veio de Lucânia”); toponímicos (referências geográficas – localidades, regiões, acidentes naturais – montanhas, rios etc Ex. Fontana – morador próximo à fonte e Romano – natural de Roma), profissionais (ligados a uma profissão, cargo, títulos nobiliárquicos, religiosos ou militares, atividade exercida ex. Barbieri – barbeiro; Falco – falcoeiro, adestrador de falcões; Ferrari – ferreiro); apelativos populares (apelidos relacionados a características físicas, morais, intelectivas, comportamentais, a fatos peculiares ou insólitos relacionados com antepassados medievais (ex. Grossi – pessoa de compleição física avantajada; Lombardi – “homem de barba longa” ou “oriundo da Lombardia”). Segundo o erudito filólogo Ciro Mioranza, o sufixo “uto” indica característica vistosa quase sempre física – ex. Caputo” (obra “Filius Quondam – as origens e o significado dos sobrenomes italianos” 2ª ed. São Paulo, Larousse do Brasil, 2009, p. 70).

OS CAPUTO DE SÃO TIAGO

Segundo a tradição familiar, a família Caputo estabelecida em São Tiago – extensivamente região das Vertentes e Zona da Mata – provêlo de três irmãos (Rafael, Francisco e Felício) oriundos da Calábria que, meados do século XIX, decidiram migrar, praticamente adolescentes, fugindo à prestação do serviço militar, estando a Itália, à época, envolta em guerras e graves problemas sociais, políticos e econômicos. Por razões desconhecidas, estabeleceram-se em São Tiago, tendo Francisco, após algum tempo, fixado domicílio na Zona da Mata⁽¹⁾.

Registro de nascimento de membro(s) da família Caputo

• Raffaele Caputo, nascido aos 22-06-1838 em Celle di Bulgheria, província de Salerno, filho de Pasquale Caputo e Domeni-



ca Del Duca (Registro degli atti di nascita del comune di Celle di Bulgheria al n. 9P.1, anno 1838).

Alguns Registros de casamentos de membros da família Caputo

- Casamento de Raffaele Caputo e Ana Claudina do Espírito Santo aos 20-06-1866 na igreja matriz de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritápolis), sendo testemunhas Gabriel Ferreira da Silva e Dâmaso Ribeiro da Silva (Livro 01, fls. 22v e 23, termo 01 – Assentamento de casamentos – Paróquia de Santa Rita de Cássia/Ritápolis).
- Casamento de Felício Antonio Caputo e Maria Clara de Almeida aos 01-03-1870 na igreja matriz de Santa Rita de Cássia (Ritápolis) sendo testemunhas F. João Feniamoni e Valerianino da Silva Leão (Livro 01, fls. 30v – Assentamento de Casamentos – Paróquia de Santa Rita de Cássia/Ritápolis).
- Casamento de Cipriano Antonio Caputo e Maria Gonçalves da Cruz aos 25-11-1889 na matriz de São Tiago, sendo celebrante Pe. Julio José Ferreira e testemunhas José Cândido Marques e João Pereira Santiago (Livro n. 1, fls 16v – Assentamentos de casamentos – Paróquia de São Tiago).
- Casamento de Paschoal Leonardo Caputo e Gabriela Augusta de Resende aos 19-04-1890 na matriz de São Tiago, sendo celebrante Pe. Julio José Ferreira e testemunhas Dâmaso Ribeiro da Silva e Teófilo Carvalho Resende (Livro n. 01 fls. 18 – Assentamento de Casamentos – Paróquia de São Tiago).

Registros de batismos – família Caputo

- Maria, n. aos 30-11-1891, b. aos 08-02-1892, filha de Pascoal Leonardo Caputo e Gabriela Augusta de Resende – Padrinhos: José Alves de Sousa e Maria Clara de Almeida (Livro 03, fls. 67 – Paróquia de São Tiago).
- Maria, n. aos 23-08-1884, b. aos 30-08-1884, filha de Felício Antonio Caputo e Maria Clara de Almeida – Padrinhos: João Baptista Ferreira e Anna Virgínia de Almeida (Livro 02, fls. 127v).
- Alzira, nascida aos 27-11-1896, batizada aos 13-12-1896, filha de Pascoal Leonardo Caputo e Gabriela Augusta de Resende, sendo padrinhos João Batista Caputo e Francisca de Paula Resende (Livro n. 02, fls. 22 – Assentamento de batismos Paróquia de São Tiago).
- José, nascido aos 13-04-1905, batizado aos 30-05-1905, filho de Luiz Caputo e Jovina Carmo da Mata, sendo padrinhos Job Altiivo da Mata e Maria Nazareth (Livro n. 02, fls. 66 – Paróquia de São Tiago). Obs. José Caputinho.
- José, nascido aos 16-10-1905, batizado aos 26-11-1905, filho de José Antonio Caputo e Francisca Maria de Luccas, sendo padrinhos José Maria de Luccas e Ana Claudina de Jesus (Livro n. 02, fls 103, termo 144).
- José, nascido aos 18-01-1905, batizado aos 05-02-1905, filho de Pascoal Leonardo Caputo e Gabriela Augusta de Resende, sendo padrinhos Luiz Caputo e Jovina Mata Caputo (Livro n. 02, fls, 90v, termo 16 – Paróquia de São Tiago).
- Sílvia, nascida aos 05-10-1907, batizada aos 25-11-1907, filha de Luiz Caputo e Jovina Mata Caputo, sendo padrinhos João Perilli e Maria da Glória dos Santos (Livro n. 02, fls. 135, termo 139).
- Maria, nascida aos 04-10-1906, batizada aos 14-10-1906, filha de João Batista Caputo e Maria da Glória Caputo – padrinhos Luiz Caputo e Maria Caputo (Livro n. 02, fls. 116, termo 14 – Paróquia de São Tiago).



Família do Sr. João Evangelista Caputo e D^a Clara Gaudêncio Caputo

- Maria, nascida aos 22-04-1907, batizada aos 12-05-1907, filha de José Antonio Caputo e Francisca Maria de Luccas, sendo padrinhos Raphael Caputo e Ana Claudina de Jesus (Livro n. 02, fls, 127, termo 66 – Paróquia de São Tiago).

- Maria, nascida aos 10-05-1907, batizada aos 20-05-1907, filha de Francisco Caputo e Maria José de Lucca – padrinhos Nito Navarro e Anna Virgínia de Andrade (Livro n. 02, fls, 127, termo 68 – Paróquia de São Tiago).

- Geraldo, nascido aos 09-06-1909, batizada aos 25-06-1909, filho de João de Lucca e Maria Filipa Caputo – padrinhos José Maria de Lucca e Maria Clara de Almeida (Livro n. 02, fls, 162v – Paróquia de São Tiago) Obs. Geraldo Feliciano de Lucca (Geraldo Zumba).

- Iraci, nascida aos 16-03-1909, batizada aos 05-06-1909, filha de Luiz Caputo e Jovina Caputo da Mata – padrinhos Dorval Augusto da Mata e Amélia Alves de Andrade (Livro n. 02, fls... – Paróquia de São Tiago)

- Conceição, nascida aos 08-12-1909, batizada aos 24-12-1909, filha de José Antonio Caputo e Francisca Maria de Lucca – Padrinhos João de Lucca e Carmelina Maria Caputo (Livro n. 02, fls. 172 – Paróquia de São Tiago).

- Odete, nascida aos 23-04-1910, batizada aos 05-06-1910, filha de Luiz Caputo e Jovina da Mata Caputo – Padrinhos Josino Alves Rodarte e Maria da Glória dos Santos. D^a Odete casou aos 21-06-1930 com Jasminor Simões Coelho (Livro n. 02, fls. 179 – Paróquia de São Tiago).

- Valdemar, nascido aos 08-10-1910, batizado aos 16-10-1910, filho de João Baptista Caputo e Maria da Glória Caputo – Padrinhos Joaquim José Vivas e Ambrosina Augusta de Campos Lara (Livro n. 02, fls. 187 – Paróquia de São Tiago).

Carmelina, nascida aos 26-12-1890, batizada aos 05-01-1891, filha de Rafael Antonio Caputo e Anna Claudina de Jesus – Padrinhos Antonio Carlos de Resende e Messias Celuta de Jesus (Livro n. 03, fls. 58v – Paróquia de São Tiago)

- José, n. aos 30-11-1891, b. aos 11-12-1891, filho de Rafael Antonio Caputo e Anna Claudina de Jesus – Padrinhos: Francisco Gabriel Ferreira da Silva e Maria Augusta Xavier (Livro n. 02, fls. 131).

- José, nascido aos 29-06-1886, batizado aos 25-07-1886, filho de Felício Antonio Caputo e Maria Clara de Almeida – Padrinhos Thomas Ribeiro da Silva e Ambrosina Cândida de Almeida (Livro n. 03, fls. 08 – Paróquia de São Tiago).

- José, nascido aos 28-01-1893, batizado aos 12-02-1893, filho de Cipriano Antonio Caputo e Maria Gonçalves de Jesus – Padrinhos José Martins Ferreira e Luisa Cândida de Campos (Livro n. 03, fls. 78v – Paróquia de São Tiago).

- João, nascido aos 25-01-1901, batizado aos 19-03-1901, filho de Cipriano Caputo e Maria Gonçalves de Jesus – Padrinhos Pascoal Leonardo Caputo e Messias Augusta de Jesus (Livro n. 04-A, fls. 97, termo 20 – Paróquia de São Tiago).

- Maria, nascida aos 03-04-1900, batizada aos 22-04-1900, filha de Luiz Caputo e Jovina Cármen da Mata – Padrinhos José Pedro da Matta e Maria Clara de Almeida. Maria casou com Carlos Ribeiro de Carvalho (Livro n. 04-A, fls. 83, termo 18 – Paróquia de São Tiago).

- Felício, n. aos 29-08-1909, b. aos 25-11-1909, filho de Fran-

cisco Caputo e Maria José de Lucca – Padrinhos João de Lucca e Anna Matildes dos Santos (Livro n. 04-A, fls. 91v, termo 150 – Paróquia de São Tiago).

- Geraldo, n. aos 08-10-1910, b. aos 30-01-1911, filho de Pascoal Leonardo Caputo e Gabriela Augusta de Resende – Padrinhos Gabriel José de Sousa e Belarmina Carvalho de Resende. Casou com Maria Augusta aos 27-01-1934 (Livro n. 04-B, fls. 94v, termo 10 – Paróquia de São Tiago).

Registros de Óbitos – membros da família Caputo

- Raffaele Caputo – falecido aos 12-10-1918 com 78 anos de idade, causa mortis “provavelmente do coração” (Livro III, fls. 29 – Assentamentos de Óbitos – Paróquia de São Tiago).

- Felício Antonio Caputo – falecido aos 17-12-1920 com 78 .anos de idade, viúvo de Maria Clara de Almeida – Causa mortis “proveniente do coração” (Livro III, fls. 44/44v – Assentamento de Óbitos da Paróquia de São Tiago).

OBS. Todas as certidões supra (batismos, casamentos, óbitos) foram fornecidas pelas respectivas paróquias – Ita in fide Paróchi. Trabalhos de pesquisa supra, a quem muito agradecemos: sr. Rogilson Caputo.

NOTA

1. *Acerca de Francisco Caputo, o historiador Cav. Tarquinio Grandis informa: “Proveniente de Salerno, chegou a Sapé, na mesma ocasião de Caetano Baldi, tendo se casado na mesma família Pinto. Era negociante forte, com negócios de fazendas e armarinhos. Muito ativo e inteligente, tornou-se também proprietário de terras. Os filhos são todos colocados, sendo que um continuou ainda com negócio na mesma casa do pai. Outro, Miguel Caputo, negociou muitos anos em casa própria na Rua São José em Ubá. É progenitor do Pe. Hibrain, virtuoso vigário de Piraúba” (Obra “Vida e ação da colônia italiana no município de Ubá”, Juiz de Fora, Comp. Dias Cardoso, 1948, p. 29)*

SÃO TIAGO:

Filhos de Felício Antonio Caputo e Maria Clara de Almeida:

1. João Batista Caputo
2. Pascoal Leonardo Caputo
3. José Caputo (Sapecado)
4. Luís Caputo

Filhos de Rafael Caputo:

1. Nhonhô Caputo
2. Nanhá Caputo (c/c José Sapecado)
3. Francisco (Chico Manco)
4. Serafim

Agradecemos a colaboração/informações dos srs. Rogilson Caputo, Dr. Pedro Henrique Melo, prof. Ailton Assis, prof^a Elizabeth Márcia dos Santos (Beth)

REFERÊNCIAS MEMBROS DESTACADOS DA FAMÍLIA CAPUTO

- Leonardo Caputo – assessor / Diretoria de Planejamento e Monitoramento Socioeducativo – Secretaria de Justiça e Segurança Pública

- Ten Cel Wellington Caputo – Assistente Militar do Tribunal de Justiça de Minas Gerais

- Romeu Caputo – Ministério da Educação e Cultura

- Regina Maria de Resende – diplomata

MEU PÉ DE AMEIXA



Quando erámos crianças e ouvíamos a palavra ameixa sendo pronunciada não havia dúvida sobre qual era o assunto da conversa. Era a ameixa amarela (*Eriobotrya japonica*), originária do sudeste da china e perfeitamente aclimatada ao nosso país. A ameixeira produz frutos em cachos de bagas no formato de peras diminutas, com casca comestível apesar de uma suave penugem e apresentando alguns caroços marrons úmidos como se fossem envernizados recentemente. Sua cor amarela é convidativa, seu sabor agridoce é maravilhoso e a praticidade de consumo é de dar inveja até à banana.

Indubitavelmente é uma fruta que remete a quintal, a horta doméstica e um pouco de infância. Mesmo morando em uma capital, Belo horizonte, tinha acesso uma delas na casa de meus pais e outra na casa de minha bisavó paterna. Por não durar depois de colhida, a mesma maldição da gabioba, ela não provoca interesse comercial, se tornando difícil de ser encontrada. Enquanto isso a variedade ameixa japonesa rubra ou sanguínea (*prunus salicina*), fruta aparentada do damasco, começou a aparecer com facilidade nas prateleiras de supermercados e sacolões ameaçando usurpar a simplicidade do nome ameixa. Estamos nos acostumando a chamar a nossa ameixa amarela de nêspera para fazer a diferenciação.

Quem viveu boa parte da vida em uma metrópole e resolve se mudar para o interior onde ainda se mantem traços da vida rural, frequentemente sonha com a possibilidade de possuir um terreno onde possa plantar algumas árvores frutíferas. A horta de couve que não se zangue, mas seu prestígio não é tamanho. É muito mais prazeroso e charmoso fazer uma compra que contenha maçã, laranja, abacaxi, bananas e uvas do que outra onde se encontre batata, jiló, abobrinha, pimentão e tomate. Para esses últimos deve-se reconhecer o valor nutritivo, a opção pela saúde e até a decisão de honrar os costumes. Por outro lado, o sorriso sabe para onde pender.

Entretanto, é uma empreitada muito difícil. Manter um pomar, mesmo minúsculo, não é missão para amadores, sendo que simplesmente somos amadores.

Não conhecemos as técnicas, as pragas, o ritmo da natureza e o regime das chuvas. Não se encontra, infelizmente, uma formula matemática que nos ensine o quanto de água deve ser gasto na rega das plantas. E pior, existe aquela que gosta de água e a outra que nem tanto. Não sabemos o volume, o tipo, a periodicidade da aplicação de adubos. Os músculos do nosso corpo não reconhecem os movimentos de se agachar ou ajoelhar para arrancar os matinhos, inimigos incansáveis e imortais.

Seria perfeito se também estivesse à nossa disposição um agrônomo, clínico geral para as plantas, com consultório público e aberto. Através de consultas profissionais, devidamente remuneradas, teríamos o atendimento justo e personalizado que não conseguimos no meio técnico disponível na cidade por não sermos grandes produtores rurais nem consumido-

res de caminhões de insumos e defensivos.

As doenças que afligem as plantas formam uma primeira barreira de problemas cuja transposição não é fácil e isso pode ser suficiente para frear a motivação ou mesmo destruir o que foi plantado. São inúmeras as origens das pragas: insetos, vírus, fungos e outros tipos de disfunções. Tudo junto é um pântano de ignorância que quer engolir nossos pés e os pés de nossas frutas. Entre as frutíferas as cítricas são um capítulo a parte. Como são complicadas, as cítricas! Adoecem, definham e morrem fácil. Podem apresentar uma doença de nome quase poético: "Tristeza dos Citrus". Realmente é triste ver um limoeiro, antes bonito e produtivo, regredir até virar uma estrutura ressequida e sem vida. É uma doença de origem virótica presente em quase todas as regiões produtoras, tendo pulgões como vetor de propagação. É considerada de grande importância econômica, pois tem potencial para devastar grandes plantações.

Outro mistério ainda causa certa perplexidade. Alguns pais dizem que os filhos são como os dedos da mão: saem todos do mesmo lugar, mas cada um do seu jeito. Tal qual a família de árvores de nossos pequenos pomares. O tratamento dado a todas é praticamente o mesmo. Recebem a mesma quantidade e qualidade de trato, cuidado e nutrição, com competência ou não. Recebem as mesmas levas de chuva e regas artificiais. Aproveitam o sol de forma equitativa. Mesmo com tudo isso elas se comportam de formas muito distintas. Algumas agradecem e se desenvolvem rapidamente atingindo a maturidade produtiva. Outras ficam no reme-reme por muito tempo antes de tomar jeito. Uma minoria morre, não importa o que se faça.

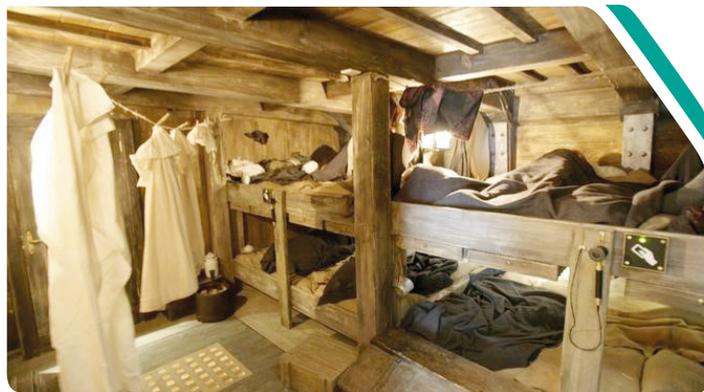
Eu também não resisti ao chamamento. Criei meu próprio pequeno pomar, na medida do número de árvores que podem caber em um lote. É lógico que escolhi uma ameixeira para participar. O verão de 2024 marcará sua primeira produção. Depois do plantio é comum vigiarmos incansavelmente a planta a procura de seus primeiros sinais de floração e produção. Depois, a árvore nos distrai e esquecemos. Finalmente ela explode em frutos e surpresa. Alguns saberão a emoção que isso pode significar.

Entre os que já perderam os pais pode ser comum sentir a sua falta de um modo totalmente diferente em momentos especiais, aqueles que sinalizam para sempre o caminho da vida. Ou meu pai, ou minha mãe ou os dois poderiam estar aqui para ver minha formatura, meu casamento ou o nascimento de meu primeiro filho, na verdade seu neto. Coisas assim. De certa forma é muito estranho que uma aventura trivial comandada pela natureza e acontecida em meu quintal, ou seja, minha ameixeira florindo e produzindo em quantidade frutos tão magníficos, possa produzir sentimentos dessa mesma estirpe. Eu gostaria muito que minha mãe estivesse aqui para ver!

Fabio Antônio Caputo

Há 200 anos navio pioneiro da imigração alemã chegava ao Rio

Marco oficial do afluxo de imigrantes de língua alemã foi 25 de julho de 1824, com a fundação da colônia de São Leopoldo (RS)



“Chegamos ao destino em 13 de janeiro de 1824, com mais pessoas a bordo do que partiram de Brecherbach, pois além de dois mortos, houve 16 nascimentos”, escreveu o pastor luterano Friedrich Oswald Sauerbronn (1784-1864) aos seus amigos que ficaram no Velho Mundo. Ele estava relatando a chegada ao Rio de Janeiro do navio Argus, que trouxe ao Brasil 284 imigrantes de língua alemã – inclusive o próprio pastor.

O Argus tem uma importância grande para a imigração alemã no Brasil – embora, oficialmente, considere-se como marco oficial dessa imigração o 25 de julho de 1824, data da fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

“Foi o primeiro navio dentro daquele convencionado como primeiro período oficial da imigração alemã no Brasil, que compreende os anos de 1824 a 1830”, explica o pesquisador Ademair Felipe Fey, autor do livro *Navio Argus – Ano 1824: Imigração alemã no Brasil*.

Vale ressaltar que a Alemanha só passou a existir como país em 1871, por isso é mais correto se referir a esses colonos como pessoas “de língua alemã”. Segundo conta a historiadora Daniela Rothfuss, coordenadora cultural do Instituto Martius-Staden, a maioria dos imigrantes a bordo do Argus era das regiões de Oldenburg – atualmente parte da Baixa Saxônia – e Hesse, hoje um estado na região central do país.

“O termo ‘alemães’ está ligado a uma identidade linguístico-étnico-cultural, mais do que à ideia de nacionalidade política. As primeiras levas, até 1830, contavam com imigrantes de outros países de língua alemã na Europa, como Suíça e Áustria, mas a maioria era de regiões que formam a Alemanha moderna”, explica o gestor público Sylvio Zimmermann, secretário de Cultura de Blumenau.

Rothfuss pontua que o navio trouxe “um dos primeiros grupos fechados” de imigrantes ao Brasil. E foi o primeiro navio de imigrantes a oficialmente desembarcar após a Independência, em setembro de 1822.

Bahia e Rio, antes do sul do país

“Antes de 1824 houve algumas tentativas de estabelecer colônias com imigrantes alemães na Bahia”, pontua Fey. Também foi criada a colônia de Nova Friburgo, no Rio, inicialmente com imigrantes suíços – destino de boa parte dos que vieram no Argus.

Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e autor do livro *Imigração alemã no Rio Grande do Sul*, o historiador Jorge Luiz da Cunha ressalta que “quando chegaram ao Rio de Janeiro, foram todos [os que vieram no Argus] destinados à colônia alemã de Nova Friburgo, fundada antes da Independência do Brasil”.

Ele considera “cientificamente que os verdadeiros primeiros imigrantes do Brasil Independente foram as 39 pessoas que partiram de Hamburgo, na Alemanha, a bordo do navio *Caroline*, em 17 de dezembro de 1823” – ou seja, os que fundariam a colônia de São Leopoldo.

“Como essas colônias [da Bahia e do Rio] não atenderam às expectativas do Império, o que viria acontecer apenas com a de São Leopoldo, a data oficial do início da Imigração Alemã no Brasil foi convencionada em 25 de julho”, ressalta o pesquisador Fey.

Tempestades e piratas

Não foi fácil a saga enfrentada pelos imigrantes a bordo do Argus. Segundo a carta do pastor Sauerbronn, cheia de detalhes, o grupo saiu de Frankfurt, atual Alemanha, para Amsterdã, em maio de 1823. Lá embarcou no navio que o traria para o Brasil, em 24 de julho. Mas uma tempestade acabou quebrando o mastro do navio ainda no Mar do Norte, obrigando um retorno de emergência ao porto inicial e uma longa espera pelo conserto.

De acordo com a jornalista e pesquisadora Adriana Sauerbronn de Moura, descendente direta do pastor luterano, a nova partida ocorreu apenas em 10 de setembro. Mas a viagem seguiu acidentada.

Primeiro, uma tempestade obrigou o Argus a fazer escala de 11 dias num porto da Inglaterra. Próximo às Ilhas Canárias, a tripulação foi

atacada por piratas africanos. “Só que quando o capitão pirata subiu ao navio, percebeu que só havia gente mais pobre que ele, então ofereceu suprimentos como frutas frescas e bebidas para os colonos”, conta Moura. E aí o próprio pastor relata que em 13 de janeiro o grupo aportou no Rio com mais gente que na partida – por causa de duas mortes e de 16 nascimentos.

Curioso que alguns desses eventos estavam diretamente ligados ao pastor. Em 17 de novembro de 1823, durante a travessia, a esposa dele, Charlotte, deu à luz a um menino saudável, Peter Leopold. No dia seguinte, contudo, ela morreu em decorrência de complicações do parto.

Sauerbronn desembarcou no Brasil com sete filhos pequenos para criar. O caçula Peter acabaria morrendo um mês depois, de disenteria. “Essa imigração para Nova Friburgo acabou sendo um pouco esquecida. Primeiro porque a imigração para o Rio Grande do Sul foi muito mais numerosa, segundo porque a terra onde eles foram colocados não era muito fértil, então foi difícil se manterem ali”, explica Moura.

Um projeto oficial de povoamento

Fato é que o Argus foi uma tentativa inicial de um projeto que depois acabaria adaptado para o sul do país, onde efetivamente funcionou. Em 1822, José Bonifácio (1763-1838), então ministro das Relações Exteriores, enviou um major para as cortes alemãs da Europa, encarregando-o de recrutar colonos.

“A ideia inicial era enviar os imigrantes para a Bahia ou Nova Friburgo, uma colônia suíça criada na serra fluminense em 1819”, diz Zimmermann. “Mas D. Pedro 1º e Bonifácio mudaram os planos: resolveram estrategicamente povoar a Região Sul. Assim, as levas seguintes de imigrantes foram enviadas para São Leopoldo, próximo de Porto Alegre.”

Os colonos eram, em sua maioria, artesãos ou trabalhadores rurais, gente que havia empobrecido em consequência da industrialização e das guerras napoleônicas. Formavam “um excedente populacional na Alemanha, que era procurado pelo Brasil recém-independente”, relata Zimmermann.

“Os imigrantes de língua alemã fugiam da pobreza e da fome, causada pelo fim da servidão feudal no início do século 19 [...], por iniciativa da Prússia, como estratégia das necessidades urbanas da nascente indústria”, completa o historiador Cunha.

Conforme informa o livro 1824: Como os alemães vieram parar no Brasil, do historiador Rodrigo Trespach, os recrutados eram famílias ou homens solteiros. Os que podiam arcar com os custos da viagem recebiam terras, sementes e animais para recomeçarem a vida. Os que não tinham como pagar eram obrigados a servir no exército por quatro anos antes de receber as terras. No início, a operação era financiada pelo governo brasileiro. “Os imigrantes alemães recebiam recursos”, corrobora o historiador Cunha. “Os custos da imigração eram cobertos pelo governo do Brasil independente.”

Discrepância nas datas

Os registros do Arquivo Nacional, notas de jornais da época arquivados pela Biblioteca Nacional, a carta do pastor luterano e todos os especialistas ouvidos para esta reportagem confirmam o 13 de janeiro de 1824 com dia da chegada do Argus ao Rio. Contudo, diversos textos já publicados sobre a saga apontam para outras datas, principalmente 7 de janeiro.

Segundo os pesquisadores, o mais provável é que se trate de um equívoco antigo que acabou sendo reproduzido sem checagem – ou, como diz Zimmermann, pela “falta de consulta às fontes originais”. “Infelizmente, existem fontes históricas diferentes”, esclarece Rothfuss.

Fey aponta uma outra possibilidade: as diferentes datas indicariam diferentes momentos: “A discrepância pode ocorrer pela informação de entrada na baía do Porto, avistamento da cidade do Rio de Janeiro, etc.”

Fonte: DEUTSCHE WELLE

A Presença Africana em São João del-Rei

Padre José Maria Xavier
Maria Salomé de Resende Viegas

Em São João del-Rei, nem tudo que reluz é ouro!

Se te parassem na rua e, sem mais, te perguntassem qual a contribuição cultural que os africanos, eles próprios e seus descendentes, deram para a formação da identidade são-joanense, na ponta da língua o que você responderia?

Certamente você demoraria alguns segundos para pensar e apontar alguns exemplos, muitos deles do tempo do ouro e sem nenhuma conotação cultural, mas relacionados ao trabalho braçal, primitivo, pesado, na base mais rasteira da escala produtiva, não é mesmo? Cortar e carregar pedra para a construção das pontes e das igrejas, para a construção civil e para o calçamento urbano. Faiscar e garimpar nas betas e, também como fruto do trabalho escravo, dar conta de todos os serviços da casa grande e das propriedades de seu senhor.

Muito pouco, você não acha? Mas também muito fácil de compreender. Vamos lá: se fosse feito um censo de cidades, no quesito cor, muito possivelmente São João del-Rei se autodeclararia uma terra morena.

Me diga uma coisa: e esta tão grande quantidade de pessoas negras, de vários tons de pele, que a gente vê o dia inteiro em todas as partes da cidade? Do Tijuco a Matosinhos, do Bonfim ao Senhor dos Montes? No comércio, nas ruas, nos bancos, nas igrejas, nas farmácias, nas repartições públicas, nos supermercados, nos jardins da avenida...

Morena é uma cor que não existe na classificação que o IBGE usa para identificar a população brasileira, porém, no assunto em pauta, é simples compreender. Em São João del-Rei, assim como em outras partes do país, quem não é branco, nem preto muito escuro ou negro retinto, é tudo moreno. Moreno claro, moreno escuro, moreno-jambo, cor de canela, moreninho... Esta é uma discussão que dá pano pra manga, ou melhor, para a manga, para gola, para os bolsos e para a roupa inteira, mas não desviemos do nosso caminho.

Voltando à pergunta desta nossa prosa, qual a contribuição cultural que os africanos e seus descendentes, em nossa região, deram para a formação da identidade são-joanense? Vamos em partes, começando pelo que é mais visível e conhecido.

Cidade da Música, não é assim que São João del-Rei gosta de ser chamada? Pois é. Qual era a cor de muitos dos músicos e maestros que, a partir do século 18, compuseram as músicas de nossa Semana Santa e das missas cantadas, novenas, ladainhas, Ofício de Trevas, Te Deum's e outras liturgias católicas, que só são realizadas aqui? Padre José Maria Xavier, Presciliano Silva, Martiniano Ribeiro Bastos, João Francisco da Matta e tantos outros? E mais: qual é a cor de muitos músicos de nossas bicentenárias orquestras, que até hoje mantêm vivo um repertório sacro reconhecido mundialmente? E de nossas bandas de música? Lembremos que a Orquestra Lira Sanjoanense chegou a ser apelidada de "Rapadura", pelo tom escuro da pele de seus músicos.

Cidade onde os sinos falam, é assim que São João del-Rei se apresenta para o Brasil



e para o mundo. Subir nas torres e atravessar de uma para outra, passando pelo telhado da igreja, não é para qualquer um, assim como colocar o sino a pino, tocar, dobrar e reparar, repetindo exatamente o que se aprendeu pela observação. Além de força, disposição, gosto e entusiasmo, a atividade sineira requer memória apurada, atenção redobrada e muita dedicação. Há quem diga até que o famoso toque "A Senhora é Morta", executado no dia 14 de agosto, foi musicalmente composto por um escravidão que pertencia à Sinhá Ana Romeira.

Se música é festa e alegria - e a cultura negra é a celebração disto tudo -, então entramos no terreiro da cultura popular, com toda sua riqueza e espontaneidade. Folias de reis, congados, pastorinhas, os antigos Zé Pereiras, ranchos carnavalescos, populares escolas de samba. Desprovidos de erudição e com poucos recursos financeiros e educacionais, em que fonte os líderes dos grupos espontâneos e os dirigentes das agremiações carnavalescas antigamente bebiam para criar seus cortejos e desfiles, suas cantigas, sua sonoridade percussiva, seus trajes, coreografias, suas marchas-rancho, seus enredos, seus sambas, fantasias e alegorias?

O protagonismo institucional dos negros em nossa terra antecede até mesmo a criação da Vila de São João del-Rei, ocorrida em 1713. Cinco anos antes, em 1º de junho de 1708, foi instituída a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos - a primeira irmandade são-joanense e a mais antiga irmandade de negros em Minas Gerais. Somente por este fato já se pode ter ideia da pujança e da importância dos africanos e seus descendentes em nossa terra naquela época, quando intensificava o povoamento do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes. A capela de Nossa Senhora do Rosário, patrona daquela irmandade, já estava erigida em 1719. A imagem da padroeira foi entronizada em 1720, poucos meses antes da criação da Capitania de Minas Gerais.

Apesar de ter sido nos séculos 18 e 19 uma agremiação de escravos, a Irmandade do Rosário dos Pretos de São João del-Rei era uma instituição forte, importante e socialmente muito representativa. Tanto que, segundo os professores Silvia Brugger e Anderson de Oliveira, a Irmandade do Rosário de nossa cidade tinha até uma "embaixada benguelá", para reunião dos negros, com intuito de fortalecer as raízes africanas da emergente cultura afro-brasileira, que começava a nascer, e também de solidariamente socorrer os irmãos negros desamparados, desassistidos e necessitados.

Mesmo falando apenas sobre o aspecto cultural da contribuição africana para a formação da identidade são-joanense, o que conversamos acima é muito pouco e se refere, basicamente, aos séculos 18 e 19. Não discorreremos sobre a culinária, a sabedoria popular, religiosidade, vocabulário e modo de falar, gestual, filosofias e visão de mundo segundo as muitas e diversas culturas africanas. Nem sobre as contribuições mais recentes e as atuais, sobretudo no campo do saber formal, da educação, da ciência, das artes, da música, da literatura, e tantos outros.

Desdobrar estes assuntos fica para uma conversa futura, mas enquanto isto não acontece, tenha sempre em mente que, em São João del-Rei, nem tudo o que reluz é louro!

Texto e foto: Antonio Emilio da Costa

Ofício de Trevas

por Marcelo Ramos

Orquestra Sinfônica e Coral Lírico de Minas Gerais: Eliseth Gomes, soprano / Luciana Monteiro, mezzo soprano / Robert Blake, tenor / José Carlos Leal, baixo tenor. Texto do maestro Marcelo Ramos, que fez a edição e revisão das partituras, além da regência e direção geral do projeto: Sempre ouvi o Ofício de Trevas desde criança e, na adolescência, comecei a participar da celebração como coroinha na Catedral do Pilar. Todos nós que ouviamos essa música uma vez ao ano, sabíamos que se tratava de uma obra de qualidade. Ao propor este projeto, imaginei retribuir a alegria que esses momentos me proporcionaram, imortalizando o Padre José Maria, neste que é o primeiro registro profissional de sua obra. Para realizar esse sonho, contei com a colaboração da Fundação Clovis Salgado, através de seus corpos artísticos - Orquestra Sinfônica e Coral Lírico de MG, residentes no Palácio das Artes em Belo Horizonte. Dedico este trabalho primeiramente a meu pai, o compositor Geraldo Barbosa (1938-2011), e a todos que, como eu, querem ouvir as matinas e laudes do Padre José Maria Xavier mais de uma vez ao ano! Histórico: O Ofício rezado solenemente nos três dias que antecedem o Domingo da Ressurreição é denominado Ofício de Trevas. Esta parte do Ofício Divino expressa, de modo admirável, através das orações, salmos, lamentações, leituras e responsórios, os sentimentos que envolveram Nosso Senhor Jesus Cristo na sua Paixão e Morte. A tradição que envolve o ofício é antiquíssima. Esta denominação de Trevas está envolvida num contexto ritualístico, extremamente rico em simbologia, e merece uma justificativa litúrgica. Desde o séc. VII, celebra-se com orações as exéquias do Senhor. No séc. VIII, a liturgia franco-romana já conhecia o apagar das luzes durante o ofício. Desde o séc. XII, o nome Ofício de Trevas indicava a oração noturna (matinas e laudes) do ofício divino. As matinas e laudes rezadas seguidas contam 14 salmos, 9 leituras (incluindo 3 lamentações do profeta Jeremias em latim) e 9 responsórios. É "de trevas", pois, no decorrer dele, apagam-se sucessivamente as 14 velas em memória das trevas que cobriram a Terra na morte do Senhor. Para este fim, usa-se um candelabro triangular com 15 velas. A vela da ponta, a 15ª, representa o Cristo. As outras representam os 11 apóstolos e as 3 Marias. Segundo vários autores medievais, apagar uma vela após cada salmo significa o abandono de Jesus por seus seguidores, principalmente no horto. A liturgia antiga colocava a última vela acesa atrás do altar para trazê-la de volta mais tarde, ao amanhecer, simbolizando assim a morte e ressurreição do Senhor; em São João del-Rei (MG), esta tradi-

ção permanece intocada até os dias de hoje. No final do ofício, cantado em latim, era costume fechar os livros com força exagerada ou bater os pés no chão com veemência, simbolizando o terremoto que acompanhou a morte de Jesus e a destruição de Jerusalém. Texto de J. Dângelo que acompanha o CD: O Ofício de Trevas é, na realidade, o início de todo um ritual, quase em extinção, das solenidades da Semana Santa. Em São João del-Rei, elas conservam-se intocadas, precedidas de uma faina e um labor coletivos. Nas sacristias, bastidores bentos deste grande palco religioso, é de ver-se os preparativos ritualísticos para a grande festa barroca. Reformam-se as tochas, rebordam-se paramentos, ornamentam-se as tribunas, povoa-se de flores a capela do Santíssimo, lustra-se o esquife, repara-se o pátio, fazem-se brilhar lanternas e custódias, enjarreiam-se os andores, engoman-se as opas, lavam-se as alvas, passam-se os hábitos, providenciam-se cartuchos de amêndoas, asas de anjos, trajes de figurados, capacetes de centuriões, incenso para os turibulos, montam-se palanques, preparam-se os músicos de orquestra e banda, lustra-se as pratarias das bancadas. Uma atividade frenética domina uma centena de colaboradores sem qualquer remuneração. É a fé que nos move? A todos? Não importa. O ritual permanece vivo.

As origens africanas de nossa cidade estão presentes nessas 3 mestras de cultura congadeira. Nesse documentário, a Capitua Maria, Dona Mercês e Dona Belinha compartilham um pouco de si, sobre a tradição do Congado e deixam uma mensagem sobre o Dia da Consciência Negra para adultos e crianças. Projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc (2020). Uma parceria do Congado da Maria e Efigênia Audiovisual.

Esse Rosário é Meu

<https://m.youtube.com/watch?v=rbU7klawRM4&t=12s>

É um panorama afetivo desta riquíssima manifestação nas Vertentes das Minas Gerais, a congada. Porém, acima de tudo retrata o congadeiro, o negro brasileiro que resiste com astúcia ao processo de transformação no tecido social suburbano e campestre. O filme procura investir, de forma poética, na reelaboração dos elementos simbólicos católicos sobrepostos ao texto ágrafo de origem africana, criando um sistema singular, um hipertexto enraizado na tradição oral.

Direção de fotografia e montagem: Antonio Gil Leal

Som direto e finalização de som: Antonio Carlos de Jesus

Camera adicional: Rafael Biondi

Material de arquivo: Andre Mendes

Produção: Zilvanildo da Silva Lima

Pesquisa: Natalia Cristina Oliveira

Produção e fotografias: Paulo José Oliveira Amaro

Projeto gráfico: Maria José Boaventura

Colaboração: Antônio Emilio da Costa

HISTÓRIA

Conheça a origem do café e sua história

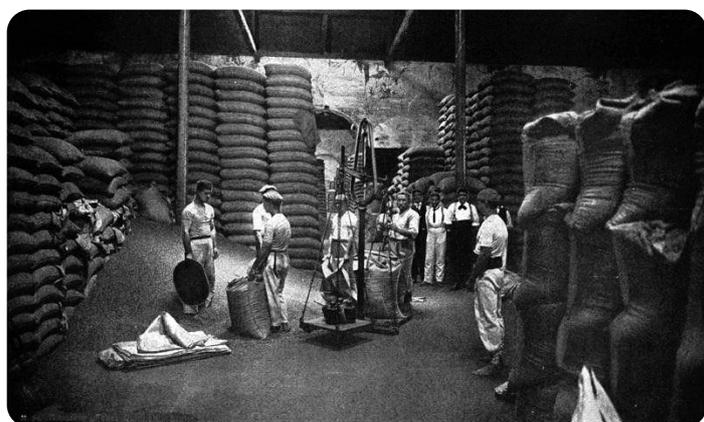
BY **MONIQUE CARVALHO**



Você, provavelmente, toma café todos os dias. Mas já parou para analisar e conhecer a sua história? De onde ele vem, como ele chegou aqui e como o Brasil conseguiu ser conhecido mundialmente através da produção do Café arábico?

O café é uma planta que tem a sua origem no continente africano, na região da Etiópia. Estima-se que a região da Cafa, na Etiópia, é quem originou o nome de Café. Segundo reza a lenda, um pequeno pastor começou a perceber que suas cabras ficavam diferentes, alteradas, quando comiam determinada folhagem (que era a planta de café).

Saindo da Etiópia e indo diretamente para a Arábia, os árabes tentaram manter o privilégio, já que a planta era considerada milagrosa e tinha um papel social muito importante,



História do Café, preparação das sacas- Brasil



Colhedores de Café, Costa Rica

devido ao seu uso medicinal utilizado na época, para cuidar e curar vários males. Saindo da Arábia, o café foi levado diretamente para o Egito, ainda no século XVI e um pouco mais tarde, chegou a Turquia.

Já na Europa, ele chegou no século XVII e foi produzido, primeiramente, na Inglaterra e na Itália. Lá o café era consumido por todas as classes sociais, incluindo os intelectuais da época. Pouco tempo depois, ele invadiu outros países como Suíça, Holanda, Alemanha, França e Dinamarca.

E NO BRASIL?

Mudas do Jardim Botânico de Amsterdã chegaram na Guiana Francesa (Onde hoje é o Suriname). A partir desse plantio, o Sargento Francisco de Mello Palheta transportou uma muda para o Brasil, chegando até a cidade de Belém, no Pará, ainda em 1727.

Como sabemos, em Belém a cultura do café não se difundiu bem devido ao clima e logo depois, foi transferida para o

Maranhão, chegando ao estado do Bahia em 1770. Em 1774, essas sementes chegaram ao Rio de Janeiro, sendo semeadas na Chácara Convento dos Frades Barbadianos. E de lá, espalhou-se para os demais estados: Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo.

BRASIL E O CICLO DO CAFÉ

Como estudamos nas aulas de história, o ciclo do café foi de suma importância para a economia brasileira entre os anos de 1800 a 1930. O cultivo e sua exportação foi um verdadeiro marco divisor na história do nosso país.

Foi neste período que a região do Vale do Paraíba acabou por concentrar toda a produção de café no nosso país. O Vale do Paraíba ficava localizado entre os estados de Rio de Janeiro e São Paulo. Eles se tornaram uma verdadeira influência para a economia, já que o grão estava em alta no mercado internacional. O Vale predominou no cultivo de café durante muitos anos. Excelentes condições climáticas, mão de obra escrava e a geografia perfeita contribuíram para o sucesso dessa empreitada.

Contudo, passado a predominância do plantio do café no Vale, outros estados passaram a produzir café. Entre os destaques maiores, encontram-se o interior paranaense e o interior paulista.

1929, a grande crise econômica dos EUA, também conhecida como a Grande Depressão de 29, influenciou negativamente na economia brasileira, fazendo com que a safra sofresse desvalorização, fazendo com que tivéssemos um estoque absurdo do produto, gerando um grande rombo para a economia local.

Colaboração Dr. Tarcísio Oliveira

ESTRADA REAL

A história do Brasil passa por aqui

Os caminhos que antes levavam diamantes e ouro, hoje levam cultura, história e natureza exuberante

A história do Brasil passa pela Estrada Real. As riquezas extraídas nas minas eram levadas aos portos do Rio e Paraty, e de lá para Portugal. De uns anos para cá, a rota real se transformou em importante pólo turístico. Seus 1410 quilômetros, que cortam Rio, Minas e São Paulo, oferecem inúmeras atrações, desde igrejas barrocas a paraísos naturais, passando por vilarejos pitorescos, fazendas históricas e muitos "causos" contados pelos moradores das mais de 170 cidades que dela fazem parte.

Os três caminhos

Estrada Real se divide em três caminhos: o "dos diamantes" - de Diamantina a Ouro Preto (azul)-, o "velho" (vermelho), que em Paraty, recebe o nome de caminho do ouro, e o "novo" (amarelo), que começou a funcionar bem depois, numa iniciativa portuguesa para possibilitar maior rapidez entre o Rio, Ouro Preto e Diamantina.

O que é a Estrada Real por Márcio Santos*

"Por terem constituído, durante longo tempo, as únicas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da capitania das Minas Gerais, os caminhos reais adquiriram, já a partir da sua abertura, natureza oficial. A circulação de pessoas, mercadorias, ouro e diamante era obrigatoriamente feita por eles, constituindo crime de lesa-majestade a abertura de novos caminhos. O interesse fiscal, base da política metropolitana para a região mineradora da colônia, prevalecia sobre qualquer outro: cumpria, antes de tudo, ter as rotas de comunicação com as minas devidamente controladas e fiscalizadas, para que nelas se pudesse extrair uma massa cada vez maior de tributos para o tesouro real. O nome Estrada Real passou a aludir, assim, àquelas vias que, pela sua antiguidade, importância e natureza oficial, eram propriedade da Coroa metropolitana. Durante todo o século XVIII, e também em parte do XIX, quando a era mineradora já se fora e os caminhos se tornaram livres e empobrecidos, as estradas reais foram os troncos viários principais do centro-sul do território colonial.

Ao longo dos caminhos reais espalharam-se os antigos registros, postos fiscais de controle, alguns dos quais ainda podem ser apreciados na atualidade. Eram de diversos tipos: registros do ouro, que fiscalizavam o transporte do metal e cobravam o quinto; registros de entradas, que cobravam pelo tráfego de pessoas, mercadorias e animais; registros da Demarcação Diamantina, responsáveis pelo severo policiamento do contrabando e pela cobrança dos direitos de entrada na zona diamantífera; e contagens, que tributavam o trânsito de animais. Os prédios dos registros eram instalados em locais estratégicos dos caminhos: passagens entre serras, desfiladeiros, margens de cursos de água. No seu interior se colocava o pessoal empregado: um administrador, um contador, um fiel e dois ou quatro soldados. Um portão com cadeado fechava a estrada.

As estradas reais foram, ainda, os eixos principais do intenso processo de urbanização do centro-sul brasileiro. Ao longo do seu leito ou nas suas margens se distribuíram as centenas de arraiais, povoados e vilas em que se organizou a massa populacional envolvida com a economia da mineração e com as economias a ela associadas. O povoado à beira do caminho,



com o cruzeiro, a capela, o pelourinho, o rancho de tropas, a venda, a oficina e as casas de pau-a-pique simbolizou, durante longo tempo, o processo de nucleação urbana do centro-sul da colônia. Povoados e vilas típicos foram visitados e descritos pelos viajantes europeus do século XIX, que nos deixaram páginas e páginas de notas de viagem sobre as paisagens e os núcleos urbanos que encontraram nas suas jornadas pelos caminhos coloniais brasileiros.

No auge da mineração, esses caminhos se viram percorridos por imigrantes paulistas, baianos, pernambucanos e europeus; por tropeiros do sul e de São Paulo; por boiadeiros do rio São Francisco e do rio das Velhas; por sertanistas da Bahia e das vilas paulistas; por escravos negros e índios; por mascates, administradores reais, homens do fisco, soldados mercenários e milícias oficiais.

A expansão originária dos primeiros grandes caminhos do centro-sul do território colonial conformou um dos mais significativos movimentos de apropriação do interior brasileiro e de sua integração com a faixa litorânea. Ampliando a base territorial da América portuguesa, as vias hoje reunidas sob o nome de Estrada Real foram, assim, fundamentais na história do povoamento e da colonização de vastas regiões do território brasileiro, tornando-se verdadeiros eixos históricos-culturais de construção de parte da nossa história."



Texto de Márcio Santos - Pesquisador de rotas históricas, autor de Estradas Reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil (Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 2001).

Fonte: tiradentes.net/estradareal.htm

100 anos da morte de Franz Kafka

Quando morreu de tuberculose, no dia 3 de junho de 1924, num sanatório nos arredores de Viena, Franz Kafka, um judeu de Praga, nascido nos derradeiros anos do império Austro-húngaro, com uma terrível consciência “do horror da vida” deixava publicada uma inquietante novela intitulada *A Metamorfose*, alguns contos e fragmentos que receberam do público pouco mais que uma fria indiferença.

Por um lado, a qualidade das obras que Kafka publicou em vida —como “O Veredito”, “Na Colônia Penal”, “A Metamorfose”, “Um Médico Rural” e, especialmente, “Um Artista da Fome”— já nos parece mais que suficiente para garantir seu nome na história da literatura. Por outro, sabemos que ele morreu como um ilustre desconhecido: nenhuma dessas obras foi recebida ou celebrada como um trabalho de gênio.

Morto há cem anos, Franz Kafka só se tornou um ícone da literatura mundial porque seu melhor amigo, Max Brod, desrespeitou o pedido do escritor e publicou, após a morte dele, textos inacabados, como “O Castelo” e “O Processo”.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Por motivos ideológicos e raciais, o regime nacional-socialista da Alemanha banuiu e mandou queimar todas as obras do escritor judeu. Assim, ele acabou primeiro ficando mais conhecido no exterior, embora hoje seus livros sejam leitura obrigatória nas escolas alemãs.

Autores como Clarice Lispector e Jorge Luis Borges reconheceram a influência de Kafka, de forma direta ou implícita. O Nobel da Literatura colombiano Gabriel García Márquez (1927–2014) revelou ter sido a leitura de *A metamorfose* que o inspirou a escrever textos literários.

Kafkiano, *kafkaesque*, *kafkaesk*, *kafkovský*, *kafkavari*: o termo existe em praticamente todos os idiomas, do português, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão ao tcheco, turco, russo, japonês, coreano e outros.

BUROCRACIA

Ainda assim defini-lo precisamente não é tão simples: ele indica algo inexplicavelmente ameaçador, absurdo, bizarro,



ro, muitas vezes burocraticamente labiríntico; uma paranoia possivelmente justificada.

Um dos temas centrais do funcionário-escritor Kafka é a burocracia, o confronto com as autoridades e, mais ainda, a sensação de impotência perante elas.

Os sentimentos que Kafka explora poeticamente – de estar perdido, ser só e indefeso num cosmos indiferente – valem tanto para os seres humanos de 100 anos atrás como para os de hoje, independente de contextos culturais ou estruturas políticas. Ele é ao mesmo tempo enigmático e imediatamente compreensível.

Um século após sua morte, Franz Kafka (1883–1924) continua sendo uma fonte inesgotável de fascínio, inspiração e também perplexidade para leitoras e leitores de todo o mundo. Seja pelo aspecto irreal e de pesadelo de seus cenários, pela sensação de ameaça que se percebe em muitas de suas obras, pela presença de formas de humor bastante peculiares em suas histórias ou em função de alguns aspectos de sua vida privada, Kafka, além de ser um “clássico” da literatura, parece ser um de nossos contemporâneos.

No centenário de sua morte, a imagem de Franz Kafka pulula nas redes sociais como meme, assim como uma de suas criações mais icônicas: o inseto em que Gregor Samsa, o protagonista de *A metamorfose*, acorda uma bela manhã transformado.

REGISTRAMOS, COM PESAR, OS FALECIMENTOS:



Sr. Sebastião Patrício da Silva (Tião Patrício), dia 15/05/2024, aos 72 anos, grande amigo e parceiro de sempre em iniciativas em prol da comunidade, áreas cooperativista, sindical, social e afins.



Sr. José Alexandre Campos (Zé Miúdo), dia 29/05/2024, aos 99 anos, uma vida modelar, dedicada à família, ao trabalho, à oração, à comunidade, sendo uma referência em ritos de benzeção e lenitivo de centenas de pessoas ao longo da laboriosa existência. O dom de servir gratuita e abnegadamente aos que buscavam suas preces, conforto, a cura pela fé e pela graça divina.



Srtª. Zely Resende, dia 25/06/2024, aos 95 anos. Uma grande amiga, apoiadora e leitora incondicional de nosso boletim. Nosso reconhecimento e apreço.

Dª. Zely desempenhou e prestou inestimáveis serviços à comunidade como funcionária pública (secretária da Prefeitura), membro do Instituto Histórico e Geográfico, presidente da Banda (Lira Imaculada Conceição) dentre tantas funções e atividades profissionais, sociais e culturais.

Nossa solidariedade às famílias enlutadas e o apreço de toda comunidade.



HUMOR

CONSULTOR TRIBUTÁRIO

Cliente dirige-se ao consultor tributário:
 - Quanto custa cada pergunta?
 O consultor informa que é R\$500,00.
 O cliente paga R\$500,00 e faz a pergunta: "Quanto vou ter que pagar de Imposto de Renda se eu tiver uma renda de R\$20.000,00 por mês...?"
 O consultor interrompe o cliente: - Esta é a sua segunda pergunta; me pague mais R\$500,00 antes de prosseguir!

VERDADE

As maiores mentiras de qualquer governo na área tributária:
 - Vamos cortar despesas: não vamos aumentar impostos!
 - Ora, é claro que o contribuinte deve ser respeitado!
 - A arrecadação não bateu o recorde, nós é que fomos eficientes no combate à sonegação!
 - Vamos corrigir a tabela do Imposto de Renda!
 - O preenchimento da declaração este ano está mais fácil...
 - O plantão fiscal atenderá a todos em 24 horas...
 - Será um pequeno aumento de alíquota, para beneficiar os pobres...
 - Esta "contribuição" é para os ricos pagarem...

O EMPRESÁRIO IO MINEIRIM

Num certo dia, um empresário viajava pelo interior de Minas. Ao ver um peão tocando umas vacas, parou para lhe fazer algumas perguntas:
 - Acha que você poderia me passar algumas informações?
 - Claro sô!
 - As vacas dão muito leite?
 - Qual que o senhor quer saber: as maiáda ou as marrom?
 - Pode ser as malhadas.
 - Dá uns 12 litro por dia!
 - E as marrons?
 - Tamém uns 12 litro por dia!
 O empresário pensou um pouco e logo tornou a perguntar:
 - Elas comem o quê?
 - Qual? As maiáda ou as marrom?
 - Sei lá, pode ser as marrons!
 - As marrom come pasto e sal.
 - Hum! E as malhadas?
 - Tamém come pasto e sal.
 O empresário, sem conseguir esconder a irritação:
 - Escuta aqui, meu amigo! Por quê toda vez que eu te pergunto alguma coisa sobre as vacas você me diz se quer saber das malhadas ou das marrons, sendo que é tudo a mesma resposta?
 E o matuto responde:
 - É que as maiáda são minha!
 - E as marrons?
 - Tamém.

MINEIRIM COMPRANDO PASSAGEM

O mineirim vai a uma estação ferroviária para comprar um bilhete...
 - Quero uma passage para o Esbui - solicita ao atendente.
 - Não entendi; o senhor pode repetir?
 - Quero uma passagem para o Esbui!
 - Sinto muito, senhor, não temos passagem para Esbui. Aborrecido, o caipira se afasta do guichê, se aproxima do amigo que o estava aguardando e lamenta:
 - Olha, Esbui, o homem falou que prá ocê não tem passagem não!

A PESQUISADORA E O MINEIRINHO

Uma pesquisadora do IBGE bate à porta de um sítiozinho no interior de Minas.
 - Essa terra dá mandioca?
 - Não, senhora. Responde o roceiro.
 - Dá batata?
 - Também não, senhora!
 - Dá feijão?
 - Nunca deu!
 - Arroz?
 - De jeito nenhum!
 - Milho?
 - Nem brincando.
 - Quer dizer que por aqui não adianta plantar nada?
 - Ah!... Se plantar é diferente...

Um homem tinha uma fazenda no interior do Mato Grosso. Um dia, não sei sabe bem o porquê, um fiscal da Receita Federal vai até lá, porque parece que havia alguma coisa errada na declaração do imposto de renda e no pagamento de funcionários.

"Preciso de uma lista de todos os seus funcionários e o quanto você paga para cada um deles". Disse o fiscal.
 "Bom", disse o fazendeiro, "tem meu ajudante que trabalha comigo já faz três anos. Eu pago a ele 200 reais por semana, e ele ainda tem um quarto para dormir".

"A cozinheira está aqui há um ano e meio, e ela recebe 150 por semana, mais o que ela gasta com transporte para vir até aqui".

"E tem também o Mané. Ele trabalha umas 18 horas por dia e faz 90 por cento de todo o trabalho da roça. Ele só recebe 10 reais por semana, paga o próprio quarto e toma uma garrafa de cachaça todo sábado à noite. Ah, e também dorme com a minha esposa."

"Mas o que é isso?!", diz o agente, indignado. "É quem é essa pessoa?"

"Sou eu", responde o fazendeiro.

O TURCO E A FISCALIZAÇÃO

O cara pára o caminhão na frente do armazém do turco Ayub e oferece:

- Seu Ayub, tenho aqui um caminhão de arroz sem nota fiscal e estou vendendo pela metade do preço. O senhor não quer comprá-lo?

- Claro que Ayub quer, mas é breciso cuidado com fiscal, non?. Vira-se para o filho:

- Khaledinio, fica ali no esquina e se abarecer fiscal, vem correndo avisar babai.

Começam a descarregar e no meio do trabalho aparece Khaledinio apavorado:

- Babai!... Fiscal bem bindo!

- Bara tudo e volta a carregar!. Grita Ayub.

Chega o fiscal:

- Venda grande não é ser Ayub?

- Ôh ôh, mais melhor benda de ano que Ayub fez.

- E esse arroz tem nota fiscal?

- Ainda num tem nota borquê Ayub está esperando carregar bra ver quantas sacos cabe na caminhón... daí, Ayub tira nota.

- Não pode! O Sr. já sabe que nota fiscal tem que ser emitida antes de carregar. Infelizmente, vou ter que multá-lo.

- Ah!... Antão bára tudo, que Ayub non qué broblema com Receita!... Bolta descarregar todo caminhón e guardar lá dentro do armazém!

AO PÉ DA FOGUEIRA



O TIRO

O Dr. José Eugênio Dutra Câmara (1919–2010), conceituado odontólogo e empresário barbacenense, proprietário da Fazenda Lagoa Negra e celebrado criador e avaliador de cavalos Campolina, foi igualmente prefeito da “Cidade das Rosas” por dois mandatos. Era ele, como bom mineiro, um exímio contador de “causos”, de histórias pitorescas por ele vivenciadas ao longo de sua profícua e longeva existência.

Eis um desses “causos”:

Pela década de 1930, em Barbacena, o sr. Raimundo (nome alterado a fim de se evitar suscetibilidades) um português abastado, que se enriquecera com comércio, contudo, de reduzida ou escassa cultura, decidira trazer uma peça de teatro para a cidade, na qual ele atuasse como ator. Contratou, para tal, um grupo teatral do Rio de Janeiro, com a condição, porém, de ser incluído na peça como participante. O tema, de caráter sentimental, envolvia, dentre tantos atos e momentos, a resistência de um moço volúvel, em assumir compromisso com certa jovem por ele “enrolada” e iludida.

O diretor da peça, chegado a Barbacena, percebendo a deficiente capacidade intelectual e cênica do comerciante patrocinador da peça, decidiu que o mesmo participaria como “pai da mocinha” com uma única frase: “Ou o senhor casa com a minha filha ou então eu saco minha pistola e dou-lhe um tiro na cabeça”.

O comerciante, transformado em ator, passou a treinar exaustivamente, seja em casa, na empresa e pelas ruas da cidade. “Ou o senhor casa com minha filha ou então eu saco a minha pistola e dou-lhe um tiro na cabeça” Repetia e encenava a frase no mínimo duzentas vezes ao dia, de forma a decorar – e bem – sua participação teatral.

No dia da apresentação, porém, o diretor viu que a pla-

téia era típica do interior de Minas Gerais, com muitas senhoras, famílias locais presentes, ambiente de recato e decoro, resolveu mudar a frase do sr. Raimundo:

– Sr. Raimundo, vou mudar uma palavra em sua frase. O senhor vai trocar pistola por revolver. Só isso.

Seu Raimundo, que era um resmungão contumaz, re-darguiu:

– Mas vai trocar a peça toda na ultima hora, isso não vai dar certo...

– É apenas uma palavra, são Raimundo...

Este saiu a resmungar: – Trocar a peça toda, toda, isto não pode, ora meu Deus. Trocar a peça toda...

E treinou a frase nova, sempre resmungando que tinham trocado a peça toda. Eis que chega a hora da sua frase, o momento de sua tão sonhada participação, a platéia esperando o confronto entre os personagens, ele entra em cena e manda esta:

– Ou o senhor casa com a minha filha ou então eu saco meu revólver e dou-lhe um tiro na cabeça da tua pistola!!!!

Foi uma confusão danada, certas senhoras abandonando o recinto, faniquitos, uma impressão negativa entre as famílias e espectadores presentes, que desconheciam que a peça era “pornográfica”.

Acabou-se ali a carreira do ator são Raimundo, o qual culpou o fato por terem trocado a peça toda...

Fonte: JEDC filho

Dr. José Eugênio Dutra Câmara nascido aos 27/08/1919, formado em Odontologia pela UFMG aos 22 anos; prefeito de Barbacena nos mandatos de 1963 a 1967 e de 1973 a 1977. Falecido aos 02-10-2010

Realização:



Apoio:

